

CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA COM HABILITAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E AGROECOLOGIA

Cecília Maria Ghedini e Serinei César Grigolo

O nascimento do Curso

A população do campo, historicamente, não teve acesso ao ensino além da 1ª à 4ª séries e Ensino Médio. Os cursos profissionalizantes voltados para a Agropecuária, por exemplo, nascem no contexto da modernização da agricultura preparando mão de obra para executar o trabalho dos engenheiros da agricultura - agrônomos ou veterinários - nas grandes propriedades e fazendas.

Para @s agricultor@s as opções são poucas. Os que conseguem, cursam o Técnico em Agropecuária. Como os cursos estão na lógica da agricultura empresarial, leva o/a estudante a distanciar-se cada vez mais da realidade do campo, fazendo com que, ao final do curso, entenda a lógica de produção de sua família como inviável, levando-o a buscar um emprego numa grande propriedade, empresa, ou em lojas agropecuárias.

É neste contexto que várias organizações, movimentos e entidades populares, mobilizam-se em torno da busca de saídas, na lógica do ensino geral ou profissionalizante, com as populações do campo.

No Sudoeste do Paraná isto vem acontecendo a partir do trabalho da Assesoar e outras organizações da Agricultura Familiar que, levando em conta o vivido e refletido no Programa de Formação e Monitores e com as Casas Familiares Rurais, até o final da década de 1980, criam as Escolas Comunitárias de Agricultores (ECAs). Da vivência de 10 anos de Ecas, e desafiados pela realidade dos cursos formais existentes na região, inicia-se a construção de um Curso Médio com Formação Profissional concomitante, (ver Revista Cambota de julho de 2001). O processo de reconhecimento e implementação do curso foi inviabilizado pela política de educação adotada no governo Jaime Lerner, o que levou a busca de outras possibilidades de abrigo legal.

Assim, em 2001, inicia-se uma conversa com a Escola Agrotécnica Federal de Dois Vizinhos que assume legalmente a realização do Curso Técnico Profissionalizante, a partir de março de 2002. No texto a seguir você tem uma visão geral do "Curso Técnico em Agropecuária com Habilitação em Desenvolvimento Sustentável e Agroecologia". Boa leitura!

O Curso

O curso acontece em módulos, com carga horária mínima de 1.200 horas, dividido em 22 etapas. São 11 etapas presenciais e 11 etapas semi-presenciais, em alternância, prevendo 600 horas presenciais e 600 horas vivenciadas nos projetos de desenvolvimento da comunidade ou região d@educand@.

As etapas do curso estão organizadas em fases: a 1ª fase "Problematização"; 2ª fase – "Organização" e 3ª fase "Consolidação do Processo".

Cada etapa presencial do curso realiza-se no período de uma semana, distribuídas ao longo dos

meses. Os períodos de intervalo entre as etapas são de 30 dias, e tem certa flexibilidade de acordo com períodos de safra, estágios, intercâmbios e outras atividades exercidas pelos estudantes no seu ambiente de trabalho. Assim, a escola busca adaptar-se a estas condições, uma vez que os estudantes são agricultores diretamente envolvidos com os processos produtivos de suas propriedades, associações, comunidades.

O Curso é uma iniciativa da Articulação Parananense de Educação do Campo e acontece em diferentes locais onde estão as entidades que participam da Articulação. As etapas presenciais do Curso estão sendo realizadas na Escola Agrotécnica Federal Dois Vizinhos, no município de Dois Vizinhos; na ASSESOAR e no Distrito de Jacutinga (no Projeto Vida na Roça), em Francisco Beltrão; na CRABI, em Cascavel e no Colégio Estadual São Francisco, Reassentamento São Francisco de Assis, em São Pedro do Iguçu. O local de cada etapa é definido de acordo com o eixo temático e as estruturas disponíveis que melhor oportunizam o desenvolvimento do aprendizado teórico-prático.

O estágio tem carga horária mínima de 200 horas, em Projetos de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável. Cada estudante escolhe uma temática e com o acompanhamento de profissionais e professores, posteriormente, apresentará seu trabalho perante a turma. O estágio funciona conforme as normas de estágio vigentes na Escola Agrotécnica Federal de Dois Vizinhos.

A matriz curricular do Curso está organizada em cinco eixos: "Desenvolvimento, Estado e Políticas Agrárias"; "Agroecologia"; "Sustentabilidade e Planejamento das Unidades Produtivas"; "Agricultura Familiar e de Subsistência e Reestruturação Produtiva". Cada um destes eixos dividem-se em duas etapas e são desdobrados em Temas Geradores.

Justificativa do Curso

É consenso mundial, a expressão política reafirmada na ECO 92, que as práticas produtivas da humanidade que evoluíram a partir do advento do industrialismo, apresentam hoje, limites evidentes de sustentabilidade.

A constante degradação do meio ambiente, o empobrecimento e pauperização das populações rurais são consequências de um projeto de desenvolvimento, que vem excluindo os pequenos agricultores, ao mesmo tempo em que prioriza os interesses do grande capital. Esse modelo tecnológico, baseado no emprego de agroquímicos e maquinaria pesada, demonstrou ser inadequado às condições sociais, econômicas, culturais e ambientais das comunidades de agricultores familiares.

Diante disso é urgente a necessidade de se repensar a formação do agricultor e a proposta tecnológica para a agricultura. É necessário repensar, também, a relação agricultor/consumidor e produção/ecologia.

A necessidade de novas formas de produção baseadas na produção de alimentos limpos, sob o ponto de vista ético, ambiental e social é motivada pela mudança de hábitos alimentares dos consumidores que vem crescendo nos últimos anos.

A estrutura fundiária do Sudoeste do Paraná é fundamentalmente de pequenas propriedades. 87% são Unidades Familiares de Produção e 94% possuem áreas menores do que 50 hectares (Assesoar, 1996), indicando assim, a necessidade de redefinir o papel das propriedades agrícolas e suas comunidades.

Estudos elaborados na Região Sudoeste apontam que o modelo de agricultura, aqui implantado, a partir dos anos 70, não conseguiu erradicar a agricultura de subsistência que persiste em pelo menos 50% dos camponeses da região (MA/SDR/PNFC,1998).

A mudança na concepção produtiva dos agricultores se dá pela transformação da base tecnológica, como também, de uma nova percepção em relação ao processo de crescimento e desenvolvimento do campo. Esse novo olhar em relação ao campo deve levar em consideração: a produção de alimentos saudáveis, isentos de agroquímicos; o melhor aproveitamento dos recursos existentes nas propriedades e a conseqüente redução de custos de produção; a subsistência e diversificação das linhas de produção; a atuação com a agregação de valor em todas as fases da cadeias produtivas; o desenvolvimento do espírito cooperativo entre os agricultores; a interação campo-cidade; a valorização e recriação da cultura local; a preservação do meio ambiente; o resgate e desenvolvimento de recursos genéticos.

A mudança no comportamento dos agricultores é influenciada, principalmente, pelo processo de educação e formação. Os cursos voltados para a população do campo, não levam em consideração a problemática e a lógica da agricultura familiar. Eles atuam mais na perspectiva da análise de viabilidade, de gestão e de desenvolvimento incompatíveis com as possibilidades de aumento de renda, da apropriação da riqueza e da autonomia da população do campo, uma vez que os mesmos se guiam pelos parâmetros da pensamento exploratório capitalista.

É dessa realidade que nasce a necessidade da construção de novos cursos, com nova postura teórico-metodológicas capaz de proporcionar a formação de profissionais para atuarem nas propriedades, comunidades e regiões próximas, como agentes de desenvolvimento local sustentável.

O Curso prioriza a formação de jovens que estão trabalhando em diferentes segmentos da economia, ligados ao setor primário. Jovens que estão iniciando seu próprio investimento familiar ou exercendo atividades de assistência técnica à agricultores, através de suas entidades, sindicatos e cooperativas.

No Censo Agropecuário de 1995, identificou, no Paraná, 294.765 estabelecimentos familiares (90,0%) que detinham 55,7% da área total, empregavam 83,0% do pessoal ocupado e se apropriavam de 57,8% do VBPV (Valor Bruto da produção vendida). Como se vê, o público potencial do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar-PRONAF, no Estado do Paraná, é grande. Disso que vem a necessidade de investimentos na formação, pois sabemos que o crédito desvinculado de programas educacionais que proporcionem novos conhecimentos econômicos e sociais pode levar ao endividamento e falência de muitos agricultores, como já ocorreu noutros momentos da história do País.

Os Objetivos do Curso

Formar cinquenta profissionais para atuarem como agentes de desenvolvimento local sustentável, desenvolvendo o senso crítico em relação aos diferentes modelos de agricultura e proporcionando um novo modelo de formação para os jovens do campo; auxiliar no preenchimento de demandas na área educacional solicitadas por entidades representantes de diferentes segmentos sociais; estimular e fortalecer o vínculo do jovem com sua unidade familiar de produção, sua família e comunidade; difundir modelos de produção baseados na solidariedade, na ética, no respeito ao ser humano e ao meio ambiente; fortalecer o espírito cooperativo entre os diferentes agentes que atuam na cadeia de produção e estimular a produção de alimentos saudáveis, isentos de resíduos de agrotóxicos, com consciência da importância da preservação ambiental.

A metodologia do Curso

O Curso se organiza em Eixos Temáticos com a abordagem de um tema ou com uma pesquisa feita pelos estudantes. Os elementos levantados pela pesquisa são relatados, debatidos e aprofundados em seminários que são realizados no primeiro dia, de cada etapa, da primeira fase. A definição dos

temas se dá a partir destes debates. Nesta fase inicial muitos conteúdos passam despercebidos pelos estudantes e quando provocados nos debates levantam outras temáticas a serem desenvolvidas pelo Curso. É este seminário, a partir do tema gerador, que dá o tom do trabalho da etapa e se articula aos Eixos Temáticos que vão sendo desenvolvidos nas outras etapas. Neste texto em destaque, está o resultado de dois trabalhos de pesquisa e dois Seminários a partir do Eixo 3: Agricultura Familiar e de Subsistência e Eixo 4: Agroecologia.

PESQUISA E SEMINÁRIO SOBRE AUTO CONSUMO, MERCADO E FEIRA LIVRE

4ª E 5ª ETAPA - DIVERSIFICAÇÃO, SUBSISTÊNCIA, RESISTÊNCIA, AUTONOMIA

A pesquisa foi realizada durante os Tempos Semi-presenciais da 4ª e 5ª etapas, com o tema: "Auto-consumo e a produção de alimentos" com enfoque nas relações novas a serem construídas nas propriedades e com os consumidores.

Apresentação do Tema

A produção de subsistência, é uma forma de resistência e também de viabilidade de muitas famílias. Estes cultivos, diferente das grandes lavouras, necessitam da relação direta entre consumidores e agricultores. Permite desta forma, que as famílias do campo dominem a comercialização, sem o indesejado atravessador. Outra característica destes cultivos é a manutenção de nosso patrimônio genético e cultural, ressaltando a importância das sementes. Quando as famílias mantêm as sementes de umas dezenas de espécies de plantas, mantêm a independência e preservam os costumes e a autonomia, ficando assim mais seguros.

As peculiaridades do auto consumo vão mais longe. Geralmente estes alimentos podem ser plantados consorciados, o que mantém uma unidade de produção familiar diversificada, até porque não combina unidades de produção familiares com monocultura.

No pátio de uma casa, sempre há muitas árvores, frutas, flores, animais, características fundamentais para uma agricultura ecológica.

Entre os produtos que encontramos estão a mandioca, a cebola, o alho, o feijão, a batata doce, hortaliças, frutas, amendoim, pipoca, melão, melancia entre outros.

A pesar de se dizer por aí, que isto dá pouco dinheiro e muito trabalho, o que percebemos de fato é que toda a produção obtida sustenta a família, não tem muito custo e quando é vendida, vende-se direto ao consumidor, tornando-se uma alternativa econômica importante. São cultivos que não exploram quem produz e são perfeitamente sustentáveis ao longo do tempo.

Vamos ver o exemplo da mandioca, que além de ser uma cultura que produz bem em solos ácidos, onde outra cultura não produz, muitas famílias a vendem descascada, outras para fecularia, outras tratam animais, muitos fazem uma dezena de pratos, além de ser uma cultura que permite consórcio com melão, amendoim, feijão e até milho. Cada cultivo com seus benefícios!

A sociedade, preconceituosa, criou alguns termos para quem é diversificado e que vende os produtos chamados de subsistência. São chamados de "ceboleiro", "batateiro", "clandestino", "barraquinha", "leiteiro", entre outros. Estas palavras carregam um sentido pejorativo frente a outras como "sojicultor", "fruticultor", "horticultor", "fazendeiro", "comerciante", "empresário"!

Para este tipo de trabalho, a feira é um espaço original de vender e comprar, vem da cultura de nosso povo. Sendo na rua, na praça, em centros de comercialização, o fato é que são muito dinâmicos, ponto de encontro, juntam-se interesses comerciais, culturais, busca de sobrevivência e

de um espaço democrático da sociedade, onde ninguém liga para padrões e convenções. A feira é, como é o povo!

Elementos levantados pela pesquisa

A pesquisa identificou muitos alimentos que poderiam ser produzidos e não são. Os motivos são muitos: a) questão climática, um ano produz, outro não; b) a Unidade de Produção Familiar está integrada às agroindústrias, o que não lhes sobra tempo e certas criações são proibidas; c) as famílias são pequenas, não vale a pena plantar; d) falta de mão-de-obra e estas coisas ocupam tempo; e) falta de terra, estes cultivos atrapalham as lavouras; f) dificuldades na produção, precisa saber como é o manejo de cada produção; g) não é o costume, é mais cômodo comprar no mercado.

A pesquisa mostra, também, os alimentos que poderiam ser consumidos e não são. Os motivos mais apontados foram: a) inexistência dos moinhos coloniais, já não se faz mais farinhas de trigo e de milho, nem se descasca arroz, assim, pela dificuldade de processar, compra-se no supermercado; b) os alimentos que precisam ser processados, exigem que se saiba fazer, quem não sabe, acaba abandonando este cultivo e não consome mais esta alimentação; c) a maioria afirma não ser mais costume produzir e comer determinados alimentos; d) não há envolvimento das pessoas na produção, este trabalho acaba sobrando para poucos; e) o soja, é utilizado para os animais e o restante comercializado, não se desenvolveu o hábito de consumir soja; f) a visão de que farinha preta, farinha grossa é sinal de atraso e que os produtos industrializados torna as pessoas mais modernas; g) tem famílias que produzem leite e vende toda a produção, não sobra para fazer queijo; h) por falta de recursos e informação, muitos não conhecem a utilidade de certos produtos como é o caso da soja; i) falta de tempo para transformar os produtos na propriedade; j) questões legais que limitam o consumo de carne, por exemplo.

As Feiras Livres

A pesquisa entrevistou 108 pessoas, destas, 76 compram em mercados, 42 compram na feira e 16 recebem os produtos em casa. A grande maioria, 104 pessoas dizem que gostariam de comprar em feira livre, ou direto dos agricultores e 4 não comprariam. A preferência é por comprar em feira livre, 76 prefere esta forma do que receber cestas em casa. Quanto à frequência, 56 preferem a feira uma vez por semana, 41 pode ser duas vezes e 17 gostariam de até três feiras. As Sextas feira e aos sábados são preferidos por 47 e 45 respectivamente. Sendo que 73 preferem que a feira seja de manhã, de preferência na Praça.

Os produtos que os consumidores declararam que comprariam são: 42 pessoas comprariam leite, 34 manteiga, 72 ovos, 40 peixe, 50 melado, 35 nata, 40 queijo, 62 salame, 47 mel, 44 açúcar mascavo, 34 pães, 39 bolachas, 39 doces e bolachas, 69 frutas, 65 verduras, 44 feijão, 40 arroz, 18 milho, 48 pipocas, 41 geléias/schimias, 30 frutas em calda, 42 conservas vegetais, 15 farinha integral.”

A pesquisa levantou, também, dados com o objetivo de conhecer melhor as necessidades e o que pensam os consumidores sobre as Feiras Livres. Como se explica que os consumidores desejam comprar dos agricultores mas, costumeiramente, compram dos supermercados? Que os agricultores desejam vender para os consumidores e, geralmente, vendem a um atravessador? Porque nas feiras tem poucos produtos, se os consumidores comprariam mais de 60 tipos de alimentos que os agricultores produzem? Porque o consumidor não conhece o produtor e o produtor não conhece o consumidor?

Perguntas que não querem calar:

Que condições são necessárias para se produzir mais alimentos e para que mais agricultores vendam seus produtos em feira? As feiras são do interesse dos consumidores e dos agricultores ou é invenção de algumas pessoas? Como, então, atender estas expectativas? Será necessário reunir produtores e consumidores para discutir a qualidade dos alimentos, o mercado justo, a cooperação, a industrialização, as agroindústrias? Como é o consumidor, ele sabe o que está comendo? A quem interessa que os produtores fiquem bem longe dos consumidores e estes dos produtores? Porque no campo se compra muitos alimentos que se pode produzir localmente? Porque que muitos agricultores compram sucos industrializados e refrigerantes, enquanto as laranjas apodrecem no quintal? Será que o jeito que produzimos, destruindo a natureza, matando insetos e plantas com agrotóxicos, fazendo queimadas para dominar a natureza, não nos faz dominar também as outras pessoas? Será que não tem um jeito de cooperar? Será que não estamos vivendo dependentes de coisas artificiais, produzidos bem longe da gente e desprezando aquilo que "está na mão"? Será que já não sabemos mais produzir alimentos em casa e estamos ficando dependentes de comidas prontas?

A pesquisa levantou, ainda, a opinião das pessoas sobre a feira livre no município: como compram os alimentos e se gostariam de comprar em feira livre? o que entendem sobre produtos ecológicos? onde preferem comprar? quantas vezes por semana? o dia, local e horário preferidos? e o que comprariam na feira?

A maioria das pessoas acham bom ter feira livre no município, pois é uma opção para comprar frutas e verduras fresquinhas e principalmente ecológicas. Também dizem que é uma boa opção para o município, para os consumidores e para os agricultores. Dizem, também, que a feira é mais um espaço para as pessoas se encontrarem, conversarem, levar as crianças, além de estar ajudando a desenvolver o campo. É a melhor forma de aproximar agricultores e consumidores.

As feiras deveriam ser nos bairros, próximos as pessoas. Cada bairro poderia ter uma feira. Essa aproximação estabelece novas relações entre agricultor e consumidor, garantindo alimentos mais saudáveis e, conseqüentemente, a preservação da natureza.

Os consumidores manifestaram, também, o interesse que as feiras tenham mais variedades de produtos, inclusive agroindustrializados. Todos acham boa a iniciativa de ter feiras em cada município. São raras as pessoas que não dão importância para a feira livre, poucos desconhecem. Alguns gostariam que fosse entregue em casa e outros, no entanto, até iriam na casa dos agricultores para comprar.

Produtos Ecológicos

A pesquisa, também, perguntou o que as pessoas entendem por produto ecológico ou orgânico. A maioria das respostas se referem a um produto cultivado sem o uso de agrotóxicos. Outros fazem referência aos químicos, que inclui os adubos artificiais de alta solubilidade. Muito poucos incluem no seu conceito a preservação dos recursos naturais ou a preocupação com a natureza. No entanto entendem que é um alimento mais saudável, mas acham caro. Percebe-se que os consumidores estão dispersos, sem reflexão sobre o que consomem.

A produção ecológica, além de preservar a natureza, de produzir sem agrotóxicos e adubos químicos, tem outros pilares que são importantes e que ainda não são percebidos pela população.

A produção ecológica não exclui as pessoas, tem uma preocupação em incluir, independente do nível de capital e de informação. Também respeita os processos pelo quais as pessoas vivem. Não abusa de matrizes energéticas naturais, tendo como fonte energética fundamental o sol. A agricultura ecológica valoriza a cultura, sem imposição de valores, resgata aspectos das práticas tradicionais e seus modelos de vida, recriando os espaços das mulheres, filhos e idosos. Os/as agricultores/as são os/as principais protagonistas, estão à frente de qualquer outro interesse. Trabalha-se com a natureza, ela é aliada, as famílias buscam a autonomia, eliminando a dependência. Ela deve ser economicamente viável, remunerando @ agricult@r pelo trabalho realizado.

Conteúdos que a pesquisa sugere para o Curso

A pesquisa aponta temas a serem aprofundados pelo Curso, como: a troca e resgate de sementes; a diversificação e o autoconsumo; a comercialização e a invisibilidade de quem produz; a distancia entre agricultor@ e consumid@r; as feiras livres; as relações mercadológicas e suas consequências; a cultura, costumes, sementes, alimentos, práticas de conservação, plantio, manejo.

Destes temas, uns perpassam o Curso, como sementes, tecnologias de manejo, armazenagem, alimentação. Outros são trabalhados fazendo-se necessário estabelecer ligações da realidade local de cada estudante com o já estudado em temas como modelo de agricultura, suas consequências, mercado... Outros tornam-se temas fortes como comercialização direta, relação produtor consumidor, relação entre práticas de subsistência e especialização na agricultura, espaços de feira e desenvolvimento local... e outros, ainda, ficam de lado para serem aprofundados e trabalhados nos locais a partir dos estudantes e suas entidades, como é o caso de organizar bancos de troca de sementes, feiras livres, recuperar práticas, receitas e variedades de produtos, etc.

CONTINUANDO COM A METODOLOGIA...

Na primeira fase do Curso (Problematização: 1ª à 4ª etapa), os temas geradores são articulados aos eixos e problematizam as Concepções de Desenvolvimento, as Políticas Públicas, a Agricultura, a Produção, a Agroecologia, a Cultura do Campo, as Relações....

Ao mesmo tempo que se faz esta problematização, os estudantes vão construindo, em diferentes momentos, um Projeto que tem como função construir uma síntese dos trabalhos e reflexões do Curso. Este projeto, é um instrumento necessário aos estudantes pois ajuda a superar a fragmentação a que foram submetidos no período escolar que viveram, onde cada disciplina era estritamente separada e os trabalhos chegavam a se repetir, mas tinham pouca ligação entre si e quase nenhuma com o contexto e a vida d@s estudantes.

O Projeto é construído com a família ou não, dependendo das condições de cada um. Tem casos de estudantes que a família tem uma estrutura forte do ponto de vista convencional e está se viabilizando, então este poderá construir seu Projeto a partir de uma associação, de uma outra família ou de famílias que estão ligadas à entidade a que o estudante pertence. A idéia é que o Projeto seja implementado integralmente, mas em alguns casos torna-se impossível. Por exemplo, para um projeto de fruticultura, o tempo é curto para que ele seja executado durante o curso. Mesmo assim, a orientação é de que @ estudante o execute, mesmo tendo que continuar depois. Assim, el@ aprende a lidar com a elaboração e execução de projetos, uma ferramenta considerada indispensável para o Curso.

O Projeto é amplo no sentido do Desenvolvimento e Agroecologia, permitindo incluir a lógica dada nos conteúdos do Curso (organograma curricular). Inclui a reflexão e abordagens que permitem

pensar várias possibilidades de projetos familiares e de lutas por políticas públicas tendo um foco de onde @ estudante vai aprofundar uma atividade. Leite, por exemplo. Este trabalho @ estudante realiza na sua propriedade ou associação. O Projeto é, também, um lugar de estudo, investigação para aprofundar e construir novos conhecimentos.

Para facilitar o trabalho e reunir os interesses comuns, @s estudantes com seus projetos são organizados em grupos, subdivididos em linhas de estudo e investigação. No Curso, os Projetos foram organizados em 7 linhas: 1)Desenvolvimento e Agroecologia com foco na produção de Leite; 2)Tecnologias Agroecológicas com foco na produção de Leite; 3)Diversificação das UPF focados em ações de resistência; 4)Reestruturação produtiva; 5)Produção agroecológica de frutas e hortaliças; 6)Geração de conhecimentos em Agroecologia, com foco na Fruticultura e Olericultura; 7)Agroecologia e produção de grãos.

Alguns passos a serem seguidos na elaboração do Projeto

1. Título do Projeto: deverá conter o foco central que o projeto se propõe trabalhar.
2. Introdução: apresentação do projeto, situando-o no contexto da unidade produtiva, da comunidade e do movimento e/ou entidade, dando uma idéia geral do projeto.
3. Diagnóstico: partindo dos trabalhos já elaborados, realizar uma leitura da realidade, considerando as práticas de produção, o envolvimento da família (pai, mãe, filhos jovens, crianças), a relação do projeto com o meio ambiente (matas, erosão, rios, água), estruturas e benfeitorias, comercialização/destino da produção, sustentabilidade/grau de dependência, exigência em área de terra, mão de obra, armazéns, transformação, políticas públicas, organização da atividade, grau de investimento. Neste ponto, considere os problemas, as potencialidades e as perspectivas.
4. Justificativa: explicar a importância do projeto, as razões da escolha, mostrando qual vai ser a contribuição para o projeto de vida pessoal e de sua família, da associação, da comunidade, do movimento e/ou entidade.
5. Objetivos: explicar o que quer atingir/alcançar com o projeto, começando sempre com um verbo, por exemplo construir, organizar, garantir, etc.
6. Referencial Teórico: é o levantamento dos fundamentos sobre os assuntos que dizem respeito ao projeto que leva a conhecer o que já foi pesquisado (e que vocês já estudaram). Estes conhecimentos ajudam o desenvolvimento de um pensamento que permite a interpretação e a compreensão do projeto. Para um bom projeto há necessidade de fazer as ligações entre o técnico, o político, o organizativo, o cultural, o econômico e a prática que será realizada. É necessário resgatar os Fundamentos da Agroecologia, a História da modernização da agricultura, a cultura e a trajetória de vida da família, da comunidade ou da região, as questões de auto consumo e das políticas públicas no seu município.
7. Metodologia: é a definição "do como" vai ser realizado o projeto. Quais os passos que serão dados, as atividades previstas, analisando a viabilidade de implantação e as possibilidades do mesmo se concretizar.
8. Resultados esperados: quais são os resultados sociais, culturais, econômicos e político-organizativos esperados com a realização do projeto. Esses resultados referem-se a vida pessoal, da família, da associação, da comunidade, da entidade, do movimento
9. Foco: o foco é, basicamente, o que se vai realizar/fazer no Projeto. É como se fosse explicar

o título, deixando bem claro o que é o projeto (menos de 10 linhas).

10. Cronograma: prazos, calendário, recursos... Definição de prazos para o desenvolvimento de cada passo estabelecido na metodologia.
11. Orçamento e análise econômica: previsão das despesas e de onde virão os recursos para a realização do projeto;
12. Avaliação e monitoramento e construção de indicadores: são as atividades de observação, coleta e registro de informações tendo como objetivo avaliar o projeto.
13. Bibliografia - Indicação dos textos lidos para a elaboração do projeto.

Para mover-se depois de tantos conteúdos trabalhados, pesquisas, seminários, trabalhos, estudos.... propusemos um pequeno “mapa” onde cada estudante pode movimentar-se reger aprendizados, escritos, textos e organizar seu Projeto.

Os Projetos dos estudantes

Projetos de Desenvolvimento e Agroecologia com foco na produção de Leite

1. Produção de leite agroecológico - viabilidade de UPF em substituição ao fumo;
2. Aumento da produção de leite ecológico e diminuição de grãos a partir da organização das CLAFs.
3. Produção de leite agroecológico — renda mensal e qualidade de vida
4. Forma organizativa da produção de leite com perspectiva ecológica — geração e gestão de políticas públicas.
5. A produção de leite ecológico para a qualidade de vida e as atividades de subsistência para comercialização.
6. Leite ecológico - uma alternativa para a Agricultura Familiar.
7. Conversão de uma unidade produtiva familiar produtora de fumo para a produção de leite a pasto.
8. Diversificação, sustentabilidade a partir do leite agroecológico.
9. Leite agroecológico, uma solução para a pequena propriedade.
10. A viabilização da pequena propriedade através de práticas agroecológicas, integrando lavoura e pecuária leiteira.

Projetos de Tecnologias Agroecológicas com foco na produção de Leite.

1. Intensificação do leite a pasto em UPF em conversão.
2. Recuperação de pastagem em sistema agroecológico e ampliação da produção de leite.
3. Bovinocultura de leite num sistema de conversão agroecológico.
4. Leite ecológico a base de pasto ...
5. Intensificação do leite a pasto em UPF em conversão.
6. Organização e produção de leite ecológico na região do assentamento de Missões.
7. Produção de leite a pasto no sistema agroecológico e a auto sustentação no campo.
8. Produção de leite a pasto e matrizes leiteiras

Projetos de diversificação das UPF focados em ações de resistência.

- Diversificação de uma UPF agroecológica com viabilidade econômica, social e ambiental.
- Diversificação, sustentabilidade e comercialização direta.
- Produção de sementes.
- Transformação da unidade de produção familiar de orgânica para agroecológica - uma alternativa para a agricultura familiar.
- Estudo da propriedade diversificada na perspectiva da comercialização direta através de feira agroecológica
- Produção de sementes variedade de milho.
- Mercado - Implantação de feira

Projetos focados na reestruturação produtiva

1. Viabilização de agroindústrias em UPFs.
2. Produção de cachaça como geração de renda uma tradição familiar
3. Moinho agroecológico para a manutenção de qualidade aos produtos da agricultura familiar.

Projetos focados na produção agroecológica de frutas e hortaliças.

1. Fruticultura ecológica - uma alternativa para jovens da roça.
2. Fruticultura ecológica - uma vida mais mais saudável
3. Hortifruticultura, tecnologias agroecológicas em UPF.
4. Frutas para consumo e comercialização

Projetos de geração de conhecimentos em Agroecologia, com foco na Fruticultura e Olericultura.

- Hortifruticultura ecológica - espaço de aprendizagem e garantia de alimentos saudáveis
- Hortifruticultura ecológica - uma referência para o assentamento João de Paula
- Horta ecológica - espaço de construção, conhecimento e conscientização
- Horta ecológica - uma forma de sobrevivência e de construção de conhecimento para UPF.

Projetos focados em agroecologia e produção de grãos

- Grãos ecológicos estudo da sustentabilidade de sucessões e rotações culturais na produção de soja orgânica.
- Produção de grãos ecológicos - possibilidades de renda nas UPF.
- Conversão de uma UPF iniciando com a cultura do milho.

ORGANOGRAMA DA METODOLOGIA DE SISTEMATIZAÇÃO E ELABORAÇÃO

Na Segunda fase do Curso (Organização: 6^a, 7^a e 8^a etapas), depois de construído o Projeto, os Seminários com toda a turma são realizados em pequenos grupos conforme as Linhas de Estudo e investigação de cada um (focos). Estes focos tem um coordenador e a participação de quantos profissionais das áreas específicas quiserem ou se identificarem com os temas. Estes profissionais que estão assessorando @s estudantes nas Linhas de Estudo, poderão ser escolhidos como coordenador@s do estágio dos estudantes.

Nesta fase @s estudantes desenvolvem a capacidade de articular o Projeto com o concreto da vida no campo, relacionando com alguns fundamentos indispensáveis para atingir os objetivos que o Curso se propõe. Esta é uma dificuldade que está presente tanto nos estudantes como nos orientadores@s, uma vez que, também, estudaram e construíram conhecimentos específicos, de forma fragmentada (especializada). No Curso, o desafio é articular o específico com o geral da propriedade, na lógica da Agroecologia.

O Projeto tem como eixo central um determinado problema que @ estudante formula, a partir da sua UPF ou de uma das atividades nela desenvolvida. Este problema está explicitado no título do Projeto que se transformará num eixo relacional que baliza o Trabalho de Conclusão (Monografia).

O trabalhos realizados serão publicados com o objetivo de divulgar este estudo, pesquisa, síntese e reflexão conjunta de educador@s e estudantes para outros agricultor@s, educador@s e, principalmente, para que as Escolas do Campo, que fazem parte da Articulação Paranaense, possam ter um material acessível e simples para estudo e pesquisa nas escolas.

Na terceira fase do Curso (Consolidação do Processo: 8^a à 11^a etapas), @s estudantes realizam a terceira etapa do Estágio. Nesta, cada estudante desenvolve/aplica seus conhecimentos nas entidades, de preferência, junto à agricultor@s ou entidades que estejam necessitando deste serviço no local ou na região.

No final do Curso, cada estudante apresenta o projeto, o relatório do Estágio e o Trabalho de Conclusão. Este momento é, a princípio, de três dias, mobilizando as entidades e sub-regiões, dando visibilidade ao que o curso constrói enquanto proposta de educação e desenvolvimento e, principalmente, a proposta teórico-metodológica (jeito de fazer e concepções). Dessa forma, promove-se a socialização da metodologia do Curso que, por ser aberta, permite que, em cada momento novo ou situação nova se possa ir repensando o próprio Curso.

Acompanhamento as escolas do campo

repensando os vínculos entre Educação e Desenvolvimento

A ASSESOAR, através do Projeto Vida na Roça vem trabalhando o programa de formação de professores do campo em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e a Secretaria Municipal de Educação de Francisco Beltrão. Neste programa, o acompanhamento às escolas se coloca como elemento metodológico fundamental na formação de educadores.

Nesta perspectiva, a proposta de acompanhamento às escolas é concebida como uma

abordagem problematizadora que supõe reflexão coletiva. Acompanhar a escola, em sua concepção alargada, supõe concebê-la enquanto lugar de construir o conhecimento. Tanto aquele que está enraizado na vida das famílias, claramente referenciado no projeto de desenvolvimento em curso no país e no mundo, como aquele relacionado ao como se aprende. Esse conhecimento e que as educadoras vão se apropriando ao analisarem e recriarem suas novas e velhas práticas.

A escola é instituição, mas é também o projeto de vida das famílias. Assim ela deixa de ser apenas 'coisa' de governos e/ou da diretora, dos professores. A escola precisa sair das suas paredes e mergulhar no mundo da vida dos trabalhadores do campo, que são as crianças, adolescentes, jovens e adultos. Isso é o que o Projeto Vida na Roça se propõe. A Escola é parte integrante de todo um processo de construção e reconstrução do campo.

Um olhar crítico ao que se vê nas políticas públicas revela que são poucas as escolas com uma identidade de campo. Os resultados são insatisfatórios, a infância e a juventude do campo não estão sendo olhadas e educadas como tal e o descontentamento é grande pois a escola educa como se estivesse desligada da realidade, neste caso, nem para a vida do campo nem para a vida urbana com todas os desafios e necessidades que apresenta.

O acompanhamento às Escolas

O Programa de Formação de Professores do Campo, em Francisco Beltrão, prevê o acompanhamento às Escolas pelas entidades conveniadas (UNIOESTE, Prefeitura Municipal e ASSESOAR). Na distribuição dos trabalhos, a ASSESOAR ficou com as escolas Irmão Cirilo, no Assentamento Missões e a Escola Nossa Senhora de Fátima, em Nova Concórdia. No decorrer do acompanhamento, a partir de um processo de avaliação, considerou-se não ser possível para Assesoar continuar acompanhando a Escola de Nova Concórdia porque a Prefeitura Municipal não ampliou a estrutura conforme acordo feito no Projeto Vida na Roça. O entendimento da ASSESOAR é que a escola deva estar inserida e enraizada num projeto de desenvolvimento local, neste caso o PVR. A decisão da Assesoar foi ampliar seu tempo no Assentamento Missões, que participa do PVR, para lá construir uma referência de educação e desenvolvimento.

O acompanhamento inicial da Assesoar, na Escola Irmão Cirilo, se colocou na perspectiva da escuta e da observação ao fazer pedagógico das professoras. Sempre tivemos presente que o acompanhamento precisa se colocar no sentido de articular o conhecimento que está sendo construído na escola com o conhecimento que circula nos diversos espaços da comunidade. Por isso, acompanhar a escola é colocar os pés na realidade da comunidade, construindo o novo conhecimento. Neste sentido, esta forma de acompanhamento se coloca tanto na escola como nos processos educativos desenvolvidos pelo PVR com agricultores e agricultoras. Isso significa acompanhar transformando, juntamente com todos os envolvidos.

O Caminho percorrido

Olhando o interior da sala de aula: num primeiro momento fez-se a opção de acompanhar as salas de aula; conversando com as crianças; observando suas reações; conhecendo-as e fazendo-se conhecido. Esse momento foi de grande significado. Através dele pode-se constatar várias questões significativas e que merecem atenção ao pensarmos a formação dos professores.

A submissão-heteronomia aparece como um conjunto de relações de poder e obediência no espaço sala de aula. Muitas vezes disfarçado de boas maneiras, educação, respeito, organização. Boa Tarde! Que bom que você veio! Obrigado! Volte Sempre!... estas falas e atitudes já fazem parte do currículo da escola. Quando do questionamento às professoras, a resposta é: sempre foi assim e as crianças já estão acostumadas. Não fica diferente quando as crianças precisam ir ao banheiro, pegar um material emprestado, perguntar, faltam combinações entre as professoras e as

crianças, algumas coisas valem para alguns e não para todos. E tudo isso não passa pela reflexão coletiva da turma no sentido de assumirem compromissos, tomarem decisões, avaliarem, mas apenas pela vontade e pela ordem da professora.

Uma queixa forte é do grande número de alunos em classe, pois as referências ainda são as classes multisseriadas, nas quais fizeram sua história de docência. Quando desenvolviam suas práticas nas classes multisseriadas, a queixa era de que tinha muita coisa diferente para fazer e com isso a dificuldade de qualificar a alfabetização, por exemplo. Agora, com o modelo seriado e uma nova organização da escola, as dificuldades estão no número de crianças por turma. Certamente, se resolvêssemos estas questões logo teríamos outras queixas...

Fortes e fracos: ainda trabalha-se com o conceito de crianças mais fortes e mais fracas. Ainda acontece a separação, dentro da mesma sala, das crianças com dificuldades de aprendizagem, reproduzindo o modelo de filas das séries dentro das multisseriadas. E nisso o problema é que a separação dos mais fortes leva ao abandono daqueles que, para o/a professor/a, não sabem, são fracos. Aliado a isto, ainda são realizados exercícios e atividades sem fundamento, sem vida, sem criatividade, sem paixão de ensinar e aprender. Isto sem falar que fica totalmente descolado do Tema Gerador planejado. O Tema Gerador, na maioria das vezes, é entendido como “mais uma coisa para fazer”.

Ensinar é apenas mais uma tarefa - na alfabetização em geral está outro grande nó. Mesmo com alguns discursos tímidos de que já não ensinamos mais assim, letra por letra, este ainda é o paradigma presente nas práticas de alfabetização. O que expressa que a formação recebida pelas professoras não desconstruiu a forma como elas próprias foram alfabetizadas mantendo assim o conservadorismo das práticas e concepções de alfabetização, negando à criança o direito de aprender em seu tempo, no seu ritmo, na sua criatividade. Todos devem aprender tudo ao mesmo tempo, na mesma proporcionalidade. Isto tudo para quê? “Para que nós (professoras) não nos percamos em nosso fazer pedagógico e possamos avançar no conteúdo”. Isso expressa uma prática homogênea e linear de ver o processo de alfabetização da criança, centrando a prática em nós mesmos e no simples/empobrecido querer ensinar, “dar aula”. Isso revela a distância entre as atividades que a professora “DÁ” para as crianças fazer, repetir, com as possibilidades de escrita que a criança possui e suas necessidades de aprendizagem.

As atividades são rituais, não são vida - a falta do mundo da leitura na escola, seja através do contar histórias, ler para os educandos e educandas, a ausência do livro e do mundo escrito na vida da escola, levam a resultados negativos, bem como a descontinuidade presente naquilo que se faz. Por exemplo, dizer uma vez e achar que ensinou; mandar as crianças desenhar, pintar, pendurar na parede e no outro dia fazer outro trabalhinho simplesmente, guardando o anterior, mostram um ritual totalmente descolado da vida e de uma prática que faça sentido. Inexiste a intervenção, a pergunta, o questionamento no sentido da criança colocar-se diante das atividades como uma construção, como algo seu, que tem vida e expressa sua vida. Isto ainda mantém-se com o argumento cheio de psicologismo, justificando que não podemos mexer no desenho da criança, que aquilo é a criatividade dela, sua personalidade... Mais uma vez isso é reflexo de um discurso que já passou, que está superado e que as professoras ainda se sustentam nele.

Olhando as ações das professoras

O acompanhamento às professoras se dá tanto na hora atividade, momento semanal que cada uma tem para preparar-se para o trabalho, planejando as aulas e estudando, como nos momentos coletivos de estudo, avaliação e planejamento.

A prática das professoras ainda está centrada no planejamento de atividades para a série e não nos temas geradores e suas totalidades. Mesmo que se encontre crianças em vários estágios na

mesma série, esse planejamento muitas vezes é homogêneo e não atende a necessidade do coletivo infantil daquela turma.

A Escola ainda não tem agarrado e acreditado no tema gerador, por não terem estudado de forma mais sistemática o assunto, por não estarem convencidas e apaixonadas pelo seu fazer pedagógico. O que as impede de assumir qualquer nova prática pedagógica comprometida com um projeto de desenvolvimento: *...não sabemos se trabalhamos com Temas Geradores ou com os conteúdos das séries, com isso nos perdemos; “... de primeira a quarta até que funciona mas de 5 a 8 tem sido difícil”.*

Na Escola do Assentamento Missões conseguimos discutir e planejar questões significativas para garantir um processo pedagógico mais coerente com as necessidades do desenvolvimento infantil. Encaminhou-se a construção do parque infantil, que era uma das atividades do Tema Gerador de 2001, na perspectiva de garantir espaço e atividades para as crianças na recreação e motivando para que em casa também recuperem, com os pais, alguns brinquedos e brincadeiras.

Criou-se a sala de cultura/ leitura como forma de forçar as professoras a se darem conta da necessidade e da importância de contarem histórias, exporem livros para que as crianças queiram ler (criar o gosto) fazendo com que as professoras também criem este gosto.

Também assumiu-se, coletivamente, a estruturação do ambiente alfabetizador na escola, como elemento pedagógico fundamental para viabilizar a alfabetização de todos, incluindo as professoras, coordenação, assessorias e funcionárias. Por isso encaminharam-se leituras para todo/as.

Reorganização dos Tempos Educativos

Repensar e reconstruir a ação educativa da escola passa pela organização pedagógica e política dos tempos educativos, como forma de desafiar a escola a se recolocar em suas práticas, na perspectiva de desenvolver um currículo que vá além do ensino de conteúdos e assuma um projeto educativo de formação de homens e mulheres do campo.

Este é um processo que precisa ser assumido pelo coletivo de educadores como prática nova da escola, acreditando que é possível educar além do ensinar. Na escola do Assentamento Missões propôs-se um conjunto de novos Tempos Educativos. Isso provocou muitas resistências, pois a prática cultural das professoras se restringe ao “dar aulas”. O processo de formação precisa avançar e esta prática mostra a importância destes tempos. Apresentamos a seguir alguns dos tempos educativos propostos no projeto pedagógico e que ainda precisamos implementar.

Tempo aula: o tempo aula é um tempo reservado para o trabalho das disciplinas, das aulas e no caso das escolas é um tempo privilegiado, com muitas horas e conteúdos, mas que não tem dado conta dos grandes desafios da sociedade e dos educandos e educandas. A proposta é recriar este tempo, com novos tempos educativos.

Tempo mística: é um tempo reservado para animar, recordar, lembrar das lutas, celebrar. Cada turma se organiza com seu professor coordenador. Temos tido bastante limites neste tempo educativo, por estar distante da prática das educadoras.

Tempo recreio: é um tempo semanal organizado pelas crianças para propor atividades educativas para o conjunto da escola em cada período, como músicas, jogos, brinquedos, gincanas. Este tem sido um dos tempos que as crianças mais gostam e aproveitam. Já os adolescentes tem se prendido a danças e participado pouco de outras atividades. Algumas atividades foram filmadas e as crianças tem assistido e se avaliado.

Tempo lazer: é um tempo mensal que pode ser coordenado pelas turmas e professores de recreação e educação física... para promover interséries, jornadas culturais, festas, almoços, festivais... Não conseguimos implementar este tempo em nossa prática.

Tempo seminário: é um tempo, onde cada turma faz o estudo e aprofundamento de temas significativos, na linha da educação pública do campo, e de interesse dos adolescentes. Cada turma assume um tema e um professor coordena. Neste ano apenas duas turmas da escola realizaram este tempo. Um grupo estudou a vida e obra de Paulo Freire e apresentaram na abertura da Primeira Semana Paulo Freire, realizada na UNIOESTE, em Francisco Beltrão. Outro grupo fez um estudo dos clássicos socialistas e apresentaram, também na UNIOESTE, em uma Jornada Socialista, como parte da Semana da Geografia. O desafio é incorporar novos estudos na escola e dar significado a aprendizagem.

Tempo trabalho: esse tempo educativo tem o objetivo de aproximar estudo e trabalho, teoria e prática e criar novas formas de aprendizado. Cada turma tem um tempo semanal para assumir atividades na horta, no jardim, com os murais, com o viveiro... desenvolvendo o gosto e a responsabilidade com atividades próprias do seu dia a dia, como forma de refletir com a criança sobre o trabalho do campo. Este é também um espaço de pesquisa da realidade.

Tempo oficina: é um tempo de capacitar e construir habilidades de interesse coletivo e individual. A escola do campo precisa oferecer espaços concretos para esta formação, articuladas com o Projeto Vida na Roça. Neste ano desenvolveram-se oficinas de poda, compostagem, artesanato em palha, computação, violão, teatro, filmagem e outras.

Pesquisa da realidade e a seleção dos Temas Geradores

A pesquisa participante foi desenvolvida no período de 10 à 13 de julho nas comunidades do Projeto Vida na Roça e que compõem o núcleo escolar da Escola Municipal Irmão Cirilo. As reuniões aconteceram com a participação de todas as educadoras da escola, educandos/as, com as entidades que compõem o PVR (UNIOESTE, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, ASSESOAR, STR, CRESOL) e as famílias das comunidades. A pesquisa buscou fazer um levantamento das principais preocupações e proposições da comunidade diante da escola e sua função enquanto instituição formadora. A pesquisa aponta questões relacionadas à educação, alguns aspectos da agricultura e outros da cultura. Esse trabalho apontou para a necessidade de continuar esse levantamento levando em conta outras dimensões da realidade.

A pesquisa consiste em fazer o levantamento das falas da comunidade, estas coletadas a partir dos grupos de debate e registradas de duas formas: uma com o registro dos grupos de trabalho, educandos/as - pais/mães e o outro registro feito pelas educadoras. Em seguida está uma síntese das falas mais significativas. Entende-se que uma fala significativa pode ser aquela que se repete muitas vezes, como também aquela que aparece timidamente, mas significativas para serem tematizadas no tema gerador, organizado nas redes temáticas.

FALAS DA COMUNIDADE

- *Trabalhar mais os produtos orgânicos;*
- *Quem é agricultor aprende em casa;*
- *Aprender coisas da roça para nos ajudar;*
- *Trabalhar técnicas voltadas a realidade da pequena propriedade;*
- *A escola deveria ajudar os agricultores a se defender, como cidadão no mundo*

- modernizado da tecnologia, também como cuidar da água e lutar com produtos orgânicos;*
- *Alternativas diferentes de trabalho na roça, visitar propriedades e ver como é plantado e colhido;*
 - *Trabalhar mais a agroecologia e os agrotóxicos;*
 - *Horta e produção orgânica;*
 - *Aprender a conhecer a produção orgânica;*
 - *A escola não falava sobre sexo, filhos essas coisas...*
 - *A escola devia conversar muito sobre as drogas;*
 - *As professoras tem que ser mais enérgicas, com os educandos/as e mais disciplina na aula;*
 - *O papel da família é dar educação e da escola dar o conhecimento;*
 - *A escola é lugar de estudar e não para namorar;*
 - *Aprender a respeitar as regras; Respeito, valores, normas e regras que a sociedade cria;*
 - *Educandos/as eram obedientes, respeitavam mais;*
 - *Cobrar mais disciplina;*
 - *Fui trabalhar em S.C como era do Paraná e do interior, consegui serviço;*
 - *Os pequenos vão ser peão dos grandes, não tem jeito;*
 - *Estudem pra não sofrer que nem nós;*
 - *Não podemos esperar sentados, senão apodrecemos que nem madeira;*
 - *Na cidade eles têm um salário todo mês. Será que na roça nós tiramos?*
 - *Tem que saber de tudo, se fica desempregado, sabe pega no pesado;*
 - *Os pais precisam colocar os filhos no serviço, senão não aprendem;*
 - *Quando vai melhorar a agricultura, em 2, 3, ou 10 anos?;*
 - *Trabalhar na horta do colégio é muito bom, por que além de estudar, aprendem trabalhar;*
 - *Nas místicas educandos/as e professores tem que dialogar os assuntos que vão fazer;*
 - *A escola é no assentamento e não do assentamento;*
 - *A escola ensinar mais orgânico, química, política econômica do Brasil;*
 - *Formar os filhos para acompanhar a evolução, participar, dar opinião;*
 - *Não misturar política com educação;*
 - *Eu acho que não deve ensinar sobre a roça;*
 - *Uma educação para buscar a informação;*
 - *Não só aprender a ler e escrever, mostrar o caminho pra vida;*
 - *Escola que integre campo e cidade; Mostrar a realidade do campo e da cidade;*
 - *Uma escola ampla que ensine para ficar no campo e cidade;*
 - *Não fugir da realidade, conteúdos igual aos da cidade;*
 - *Dois tipos de ensinamento, agricultura e cidade, os dois lados;*
 - *Uma escola que garanta o futuro para nosso filhos(faculdade).*

As falas foram agrupadas e organizadas em redes temáticas para preparar e programar as aulas. Optou-se por iniciar com o Tema Gerador: “**As pessoas vivem no campo e na cidade**” a partir do agrupamento de falas que relacionam toda problemática de ficar ou não no campo, suas possibilidades, os conflitos sobre o que se ensina na escola do assentamento, se este conhecimento deve ser igual à cidade, bem como as falas que contradizem este pensamento. O processo de escolha teve a participação das professoras, coordenação e assessorias. Foi um processo de muita discussão e, mesmo com alguns medos, o grupo foi assumindo o trabalho. Além deste tema gerador foram selecionados outros quatro para continuidade do trabalho.

A proposta de avaliação da escola

A avaliação vem sendo um dos temas em constante debate na escola e no conjunto das discussões sobre educação, onde professores, pais e alunos sofrem e dedicam grande parte de seu tempo em confrontos incansáveis, mas ainda o ponto central é a nota. O desafio é recolocar esta dimensão numa perspectiva de coletividade e de realmente construir um método onde educadores/as e educandos/as aprendam.

Este foi o ponto de partida para repensar o método de avaliação, optando por um que busca ser diagnóstico, para organizar o ensino a partir daquilo que educandos/as já sabem, ou ainda precisam saber, e suas dificuldades. O que exige dos educadores/as aulas para diferentes realidades dentro de um mesmo coletivo infantil. E este tem sido uma grande dificuldade para educadores/as, fomos ensinados a “ensinar parelho”, tudo igual para todos e quem não acompanhar é abandonado e condenado a refazer tudo no próximo ano.

A nota não mede o saber, simplesmente porque o saber não tem medida (peso, volume). A nota, no contexto atual, representa sim o quanto o estudante repetiu aquilo que o professor disse e também comportou-se da maneira esperada. A nota pode apontar o grau de submissão do estudante ao poder autoritário que a instituição confere ao professor. A nota é o símbolo do autoritarismo, que exclui um bom número de pessoas dos processos de participação na sociedade, pois esta proposta de seleção está pensada para atender uma pequena minoria que exercerá o poder sobre a grande massa trabalhadora.

É neste conjunto autoritário e excludente que também as resistências se constituem. Tanto os estudantes, como grupos de professores/as que buscam algo diferente na educação, de sua forma, expressam seus descontentamentos e buscam a ruptura no sistema de avaliação. Este processo se propõe a desenvolver uma pedagogia da pergunta, pois é preciso educar para perguntar, muito mais do que só responder. O ato inteligente reside na elaboração e na construção do pensamento dos sujeitos. Como educadores precisamos ser sensíveis para perceber se o estudante consegue elaborar, formar sentenças de pensamento compatíveis com proposto e estas servirão como suporte para a intervenção pedagógica do professor.

Colocamos aqui alguns elementos de uma nova avaliação a partir da experiência do MST e que estamos desenvolvendo na Escola Irmão Cirilo, no Assentamento Missões:

O QUE AVALIAR: a avaliação caracteriza-se como um processo de descrição, análise e crítica de uma determinada realidade, visando sua transformação. É uma reflexão e serve para apontar as necessidades, avanços e as dificuldades na realização das atividades. Com esses elementos ela possibilita a transformação pois busca formas para superar as falhas e alternativas que viabilizem o processo. A avaliação quando exerce o caráter coletivo, passa a ser libertadora, pois vai transformar o ser humano num sujeito da história. Na avaliação dos estudantes é necessário registrar todos os passos do processo desencadeado para ir melhorando a prática. Esta deve ser feita analisando a aprendizagem como um todo, pois parte da vida e não apenas de conteúdos de sala de aula.

PARTICIPAÇÃO nas discussões, nos temas de estudos; nas questões da comunidade; nos grupos de estudo e trabalho da turma; nas atividades (festas, reuniões, atividades da escola...).

ORGANIZAÇÃO: possui seus materiais em dia e organizado; trás os materiais que lhe são solicitados; participa com responsabilidade dos trabalhos em grupos, na turma e na escola; entrega os trabalhos, pesquisa, leitura, nas datas marcadas.

CRIATIVIDADE: sugestões de novas atividades, elaboração de texto, poesias para expor

no mural, teatros, músicas, místicas, organização do ambiente, da sala de aula, palavras de ordem... Sabe aproveitar os recursos, os materiais que fazem parte do dia a dia das pessoas, para então criar e recriar novas formas.

DISCIPLINA: cumprimentos das tarefas individuais e coletivas, dos horários, respeito às decisões do coletivo; freqüenta às aulas; é responsável com os materiais pessoais e da escola; garantir que aconteça a entre ajuda durante a aula; ampliar a amizade entre o grupo de alunos; como se porta durante o desenvolvimentos dos trabalhos, no relacionamento, no respeito as diferenças de cada um que busca o saber, tanto na sala de aula quanto nos outros espaços que freqüenta.

COMPANHERISMO: cultivo dos valores solidários, de compreensão, união, ajuda aos que enfrentam problemas, respeita... Criação de espaços de vivência, de companheirismo.

SEMINÁRIO: desde sua organização, divisão de tarefas; responsabilidade em conduzir o processo; aprofundamento dos temas; aproveitamento de recursos, metodologia utilizada; a comunicação e a clareza dos expositores; a participação, o diálogo, a interação; a mística do evento.

TRABALHOS ESCRITOS: uso da metodologia científica; qualidade do produto final, estética; disponibilidade para pesquisa e investigação; desempenho da equipe na construção do trabalho; capacidade de elaborar e interpretar o trabalho, não copiar fragmentos; responsabilidade com as datas de entrega; criatividade...

GRUPOS FIXOS DE TRABALHO: organização e cooperação nos trabalhos; respeito e a responsabilidade; saber usar o tempo para a execução das tarefas; apresentação de trabalhos (orais ou escritos); capacidade de coordenação e de organização das falas.

RODA DE DISCUSSÃO LIVRE: é uma prática de desenvolver junto aos estudantes o diálogo e a capacidade de resolução de problemas, um espaço aberto onde todos podem expor suas idéias, dúvidas, buscando sempre tirar encaminhamentos. É um espaço que cada professor deve criar quando sentir necessidade, o importante é que cada professor busque revolver suas questões, sem esquecer de repassar as informações para o conjunto de professores e para a direção.

AVALIAÇÃO ESCRITA (PROVA, TESTE, VERIFICAÇÃO): é um instrumento, uma forma de avaliação, a qual deve ser preparada nos vários momentos de desenvolvimento de um assunto, de um tema desenvolvido, também um conjunto de atividades que devem ser preparados de forma diversificada. Não podemos ver somente os acertos e erros, mas sim aproveitar os mesmos para retomar as questões que assim exigirem.

CONSELHO DE CLASSE PARTICIPATIVO: *“o momento de avaliação deveria ser um “momento de fôlego” na escola, para em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma adequada e nunca um ponto definitivo de chegada” (Cipriano Luckesi 1986).* Os conselhos de classe participativos são espaço-tempo, de participação e democracia com a finalidade de avaliar e diagnosticar o processo ensino aprendizagem no conjunto da escola, ou seja, no conjunto dos procedimento administrativos e pedagógicos. Consiste em nos educarmos para ouvir as crianças e adolescentes. E disso nós educadores/as temos muito medo.

Avaliar é parar, olhar o que foi feito e como foi feito, tendo como referência os objetivo a que nos propomos. Para isso é fundamental o olhar dos diferentes atores envolvidos nesse processo, para que a escola e a sua pedagogia sejam visto dos diferentes lugares que ocupamos e que nossos papeis possam ser avaliados por estes olhares.

Realizou-se um conselho de classe neste ano, envolvendo cada turma com seus professores. A partir disso foram construídos os pareceres descritivos, que registram como os educandos/as se

encontram em seu processo educativo. Este documento (boletim) foi entregues nas comunidades com reunião junto às famílias. Isso também para romper com a idéia de que só a família deve vir para escola. Assumimos o compromisso com as famílias de ir até elas.

Desafios e perspectivas do acompanhamento

O acompanhamento às escolas do campo é uma tarefa fundamental para todos aqueles e aquelas, organizações e movimentos sociais do campo, que ali têm suas lutas e seu trabalho de base. É fundamental colocar a Escola como tema constante de reflexão e debate para os segmentos do campo que dela fazem parte (agricultura familiar, assentamentos, bóias-frias...) bem como os professores. Enquanto isso não ocorre permanece a idéia de que os únicos responsáveis pela escola são as professoras e professores. Refletir sobre a educação é tarefa urgente do sindicato, da associações, das entidades e das organizações.

É urgente provocar outras questões, tanto na formação dos professores, como nas famílias e suas organizações: De quem são as escolas do campo? A quem elas interessam? Para que elas servem? Costumeiramente o acompanhamento às escolas se dá por um conjunto de sujeitos, cada qual com suas concepções. As Secretarias de Educação, na sua maioria, estão centradas na merenda escolar, na efetividade das professoras, nas normas e burocracias. As Associações de Pais e Mestres têm se restringido a fazer as festas para arrecadar fundos e manter a escola, tarefa esta que, feita sem reflexão, acaba reforçando a lógica dos governos de descomprometer-se das suas responsabilidades para com a educação pública. As famílias limitam-se à tarefa de ouvir as reclamações sobre os filhos que estão com notas baixas, ou com problemas de comportamento; as professoras com o ensinar, com as avaliações, com as dificuldades e queixas. E as organizações?

Para o PVR, o acompanhamento tem a ver com relação pedagógica entre os vários sujeitos envolvidos neste processo. Como um dirigente pode acompanhar uma escola? Como uma professora acompanha um dirigente? Como estes podem se acompanhar? Como a professora vai coordenar um grupo de base do PVR e trazer o debate para o planejamento das aulas? Como educandos/as podem estudar a partir das necessidades, propondo mudanças nas aulas e nos rumos do desenvolvimento da comunidade discutidos no PVR? E chegamos a uma questão central de nossa reflexão: **que pedagogia queremos implementar nas escolas do campo?**

A partir dos aprendizados que construímos no processo de acompanhamento, apontamos alguns elementos que podem ajudar a fortalecer o projeto de desenvolvimento do campo e construir essa pedagogia:

- **Acompanhar as escolas não significa acompanhar apenas as professoras**, mas todos aqueles com 'tarefa educativa' na escola e que inclui as professores; os educandos, os funcionários e a comunidade. Precisamos ter presente que os professores são passageiros na escola porém as famílias ficam, por isso, a longo prazo a proposta pedagógica só se sustenta na perspectiva de um projeto de desenvolvimento refletido e assumido.
- **Priorizar o acompanhamento aos coletivos:** coletivo de professores da escola, coletivo dos ciclos e séries, coletivo de famílias, de núcleos, de comunidades e fundamentalmente aos coletivos de educação das comunidades(2), os quais temos o desafio de criar.
- **A presença dos símbolos** do campo na escola: ao chegar na escola e comunidades precisamos ver o novo: as nossas bandeiras, as crianças cantando e produzindo as músicas dos projetos de vida e da luta, os materiais das nossas organizações (livros, revistas, panfletos, cartazes...). A dimensão da mística, dos tempos educativos, devem penetrar o fazer pedagógico. É construção de identidade.

- **O cultivo das hortas, jardins, viveiros e os parques infantis:** espaços de vivência e cultivo do belo, do embelezamento, do cuidado com a terra e com as relações saudáveis com a natureza. Juntar as dimensões do lúdico com o concreto, objetivo, necessários à formação de uma infância saudável.
- **Educandos e educadores com direito à palavra:** que ao chegar na escola possamos ouvir as crianças perguntando, dizendo o que pensam, participando, recebendo quem chega e não o simples silenciar aos gritos da professora.
- **A escola como lugar de fazer assembléias, debates,** discutir os rumos do nosso país e do que estamos fazendo para contribuir.
- **Uma escola que planeje os Temas Geradores** a partir do projeto de vida das famílias. E neste sentido todos e todas devem participar do planejamento da escola.
- **Professores que planejam o trabalho coletivamente:** isso parece obvio, mas as nossas escolas estão organizadas para não ser assim, e isto tem uma intencionalidade.

O processo que precisamos potencializar é o da reflexão sobre a ação. Isso precisa acontecer tanto na coordenação local do PVR, como na escola e também com as entidades que acompanham o PVR e as escolas. O método de acompanhamento precisa desencadear a vinda das famílias para a escola para discutir, propor e ajudar a construir a educação que queremos para os nossos filhos. Essa participação gera demandas que devem ser organizadas para resolver os problemas, num diálogo saudável com o conjunto da comunidade, onde os projetos de vida são base para o diálogo na perspectiva de repensar os vínculos entre educação e desenvolvimento.

Seminário Nacional Por Uma Educação do Campo

Políticas Públicas e Identidade Política e Pedagógica das Escolas do Campo

Aconteceu em Brasília, de 26 a 29 de novembro de 2002, o Seminário Nacional de Educação do Campo, com a presença de 365 educadores e educadoras e representantes de entidades como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação (Unesco) para discutir as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC). Além destas entidades/movimentos que coordenaram o evento, se fizeram presentes outros como o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), representantes dos Quilombolas, a Pastoral da Juventude Rural, Universidades e ONGs, entre elas a ASSESOAR que tem participado, desde 1998, quando foi realizada a I Conferência Nacional. Desde então a ASSESOAR tem contribuído para a construção e fortalecimento da Articulação Paranaense e Regional Sudoeste de Educação do Campo.

O seminário teve como objetivo (a) fortalecer a Articulação Nacional, (b) estudar as Diretrizes Operacionais Nacionais da Educação do Campo aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (As diretrizes Operacionais da Educação do Campo estão publicadas no Caderno da I Conferência Regional de Educação do Campo do Sudoeste do Paraná, publicado em novembro de 2002 pela Assesoar) e (c) construir a pauta para o novo governo.

A programação desenvolvida guiou-se por dois eixos principais de aprofundamento: 1) Políticas Públicas para a educação do campo; 2) Identidade política e pedagógica das Escolas do

Campo

Segue o documento aprovado nos debates dos quatro dias, mostrando a concepção e as linhas gerais de ação necessárias para que se resgate o direito do povo campo à educação pública de qualidade. As orientações tiradas servirão para, além de propor ao governo Federal, subsidiar as negociações nos estados e e fortalecer os trabalhos das articulações estaduais e nacional da Educação do Campo.

Brasília, 26 a 29 de novembro de 2002.

Por Uma Educação do Campo : Declaração 2002

Estamos reunidos neste Seminário Nacional para discutir sobre a Educação do Campo. Somos educadores e educadoras do campo, militantes de Movimentos Sociais do Campo, representantes de Universidades, de órgãos de governos municipais, estaduais e federal, de organizações não governamentais e de outras entidades comprometidas com a luta por políticas públicas e por uma identidade própria à educação e às escolas do campo. Trabalhamos para melhorar as condições de vida e de cidadania de milhões de brasileiros e brasileiras que vivem no campo.

Nossa caminhada enquanto articulação nacional **Por Uma Educação do campo** começou no processo de preparação da *Conferência Por Uma Educação Básica do Campo*, realizado em Luziânia , Goiás, de 27 a 31 de julho de 1998. A idéia da conferência, por sua vez, surgiu durante o *I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária* (I ENERA) feito em julho de 1997. A conferência, promovida a nível nacional pelo MST, pela CNBB, Unb, UNESCO e pela UNICEF. Foi preparado nos estados através de encontros que reuniram os principais sujeitos de práticas e de preocupações relacionados à educação do campo.

Na Conferência reafirmamos que: o campo existe e que é legítima a luta por políticas públicas específicas e por um projeto educativo próprio para quem vive nele; no campo estão milhões de brasileiros, da infância até a terceira idade, que vivem e trabalham como: pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados caboclos, meeiros, bóia-fria, entre outros; a maioria das sedes dos pequenos municípios é rural, pois sua população vive direta e indiretamente da produção do campo; os povos do campo têm uma raiz cultural própria, um jeito de viver e de trabalhar distintos da cidade, e que inclui diferentes maneiras de ver, se relacionar com o meio ambiente, bem como viver e de organizar a família, a comunidade, o trabalho e a educação; nos processos que produzem sua existência vão também se produzindo como seres humanos.

Na conferência também denunciemos os graves problemas da educação no campo: faltam escolas para atender a todas as crianças e jovens; falta infra-estrutura nas escolas e ainda há muitos docentes sem a qualificação necessária; falta uma política de valorização do magistério; falta apoio às iniciativas de renovação pedagógica; há currículos deslocados das necessidades e das questões do campo e dos interesses dos seus sujeitos; os mais altos índices de analfabetismo estão entre as mulheres do campo; a nova geração está sendo deseducada para viver no campo, perdendo sua identidade, suas raízes e seu projeto de futuro (as crianças e jovens têm o direito de aprender da sabedoria dos seus antepassados e de produzir novos conhecimentos para permanecer no campo).

O processo da conferência Nacional mostrou a necessidade e a possibilidade de continuar o

movimento iniciado. De lá para cá o trabalho prosseguiu em cada estado, através das ações dos diferentes sujeitos da articulação e através de encontros e de programas de formação de educadores e educadoras. Uma conquista que tivemos no âmbito das políticas públicas foi a recente aprovação das 'Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo' (Parecer n 36/2001 e Resolução 1/2002 do conselho Nacional de educação).

Nós, que trabalhamos **Por uma Educação do Campo** temos dois grandes objetivos: mobilizar o povo que vive no campo, com suas diferentes identidades, e suas organizações para a conquista/construção de políticas públicas na área da educação e, prioritariamente, da escolarização em todos os níveis; contribuir na reflexão política- pedagógica da educação do campo, partindo das práticas já existente e projetando novas ações educativas que ajudem na formação do campo.

Neste final de 2002, em que o povo brasileiro se prepara para participar de um novo momento da história de nosso país, queremos reafirmar nossa principais convicções e linhas de ação na construção de um projeto específico **Por Uma Educação do Campo**, articulado a um Projeto de Educação:

1- O centro de nosso trabalho está no ser humano, nos processos de sua humanização mais plena. Precisamos nos assumir como trabalhadores e trabalhadoras da formação humana, e compreender que a educação e a escola do campo estão na esfera dos direitos humanos, direitos das pessoas e dos sujeitos sociais que vivem e trabalham no campo.

2- É necessário e possível se contrapor á lógica de que escola do campo é escola pobre, ignorada e marginalizada, numa realidade de milhões de camponeses analfabetos e de crianças e jovens condenados a um círculo vicioso: sair do campo para continuar a estudar. Reafirmamos que é preciso estudar para viver no campo!

3- Vamos continuar lutando para garantir que as pessoas do campo tenham acesso á educação pública e de qualidade em seus diversos níveis, voltada aos interesses da vida no campo. Nisto está em questão o tipo de escola, o projeto educativo que ali se desenvolve, e o vínculo necessário desta educação com estratégias específicas de desenvolvimento humano e social do campo, de seus sujeitos.

4- Queremos vincular este movimento por educação com o movimento mais amplo do povo brasileiro por um novo projeto de desenvolvimento para o Brasil e participar ativamente das transformações necessárias no atual modelo de agricultura que exclui e mata dia a dia a dignidade de milhares de famílias no campo.

5- Quando dizemos "Por Uma Educação do Campo" estamos afirmando a necessidade de duas lutas combinadas; pela ampliação do direito á educação e á escolarização no campo; e pela construção de uma escola que esteja no campo, mas que também seja do campo: uma escola política e pedagogicamente vinculada á história, á cultura e às causas sociais e humanas dos sujeitos do campo, e não um mero apêndice da escola pensada na cidade; uma escola enraizada também na práxis da educação Popular e da Pedagogia do Oprimido.

6- Temos uma preocupação prioritária com a escolarização da população do campo, mas, para nós, a educação compreende todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos de seu próprio destino. Neste sentido educação tem relação com cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e paras a participação social.

7- Continuaremos lutando pelo respeito, pela valorização profissional, e por melhores condições de trabalho e de formação para as educadoras e os educadores do campo, e conclamamos sua participação efetiva na definição da política educacional e na construção do projeto educativo do povo que vive no campo.

8- Defendemos um projeto de educação integral, preocupado, também, com as questões de gênero, de raça, de respeito às diferentes culturas e às diferentes gerações, de soberania alimentar, de uma agricultura e de um desenvolvimento sustentáveis e de proteção ao meio ambiente.

9- O crédito à educação somente será garantido no espaço público. Nossa luta é no campo das políticas públicas e o Estado precisa ser pressionado para que se torne um espaço público. Os movimentos sociais devem ser o guardião desse direito e o Estado deve ouvir, respeitar e traduzir em políticas públicas as demandas do povo que vive no campo.

10- Reconhecemos a caminhada dos Movimentos Sociais do campo, como expressão do povo organizado que faz e que pensa sobre a vida no e do campo. Das suas práticas de organização, de luta social e de educação podemos extrair muitas lições para a educação do campo. A primeira delas é que o povo que vive no campo tem que ser o sujeito de sua própria formação. Não se trata, pois, de uma educação ou uma escola para os, mas sim dos trabalhadores do campo e é assim que ela deve ser assumida por todos os membros deste movimento **Por Uma Educação do campo.**

11- Consideramos que há muitas transformações a serem feitas na educação em nosso país para que ela se realize como instrumento de participação democrática e de luta pela justiça social e emancipação humana. Nosso encontro se dá nas ações e não apenas em intenções. Queremos reeducar nossas práticas do diálogo com as grandes questões de educação e de desenvolvimento social.

12- Reconhecemos os avanços da legislação educacional brasileira. Em especial nos espaços abertos pela atual lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/1996), nas diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e agora, nas Diretrizes Operacionais para as Escolas do Campo. Comprometemo-nos em lutar pela implementação destas diretrizes, bem como em contribuir para seu aperfeiçoamento. Trabalharemos pela inclusão destas diretrizes na construção dos planos municipais de educação.

13- Queremos consolidar a Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo e acolher todas as pessoas e organizações dispostas a trabalhar por esta causa.

O que dizer do “branco” 11 de setembro

se você está se perguntando porque “branco”, o resposta é: porque teria que ser “negro”?

Depois de um ano, em uma entrevista à Revista Ciência Hoje, vol. 31, no. 186, p. 15-19. setembro de 2002, o escritor Octávio Ianni, fala dos ataques às torres americanas.

Passado um ano dos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono Norte-Americano, que avaliação podemos fazer desses eventos?

Do ponto de vista científico, os atentados de 11 de setembro de 2001 constituem o que chamamos de um evento heurístico algo excepcional, revelador. Eles podem ser comparados a um experimento de laboratório no qual, sem

planejarmos, revelam-se realidades e significados inesperados. Eventos heurísticos precisam de tempo para serem interpretados e, em geral, os fatos que os sucedem confirmam a idéia inicial de que o momento foi único e especial. A chegada dos europeus ao Novo Mundo foi um evento desse tipo. A Queda da Bastilha — que a rigor não caiu, foi invadida — também pode ser citada como um evento heurístico, pois revelou toda a crise social e política que existia em **1789**. Os acontecimentos de **11** de setembro foram excepcionalmente reveladores: mostraram a fragilidade da maior potência mundial e o início do declínio da supremacia norte-americana.

O que o faz pensar assim?

É inquestionável que os fatos ocorridos em **11** de setembro foram atentados terroristas, pois vitimaram milhares de civis e inocentes. Mas não podemos nos apegar apenas a essa interpretação dos fatos e esquecer as demais. É preciso discutir, por exemplo, o fato de que os atentados foram também um ato político, já que atingiram diretamente símbolos do poder econômico e militar norte-americano. Os atentados geraram, inclusive, desdobramentos e transformaram-se em um processo político de envergadura mundial. Em função deles, o governo norte-americano, em aliança com países europeus, declarou uma guerra espetacular e assimétrica contra o terrorismo — um inimigo desconhecido, que não se sabe onde está e o que pretende.

O senhor duvida de que os autores dos atentados sejam membros da Al Qaeda, comandados por Osama bin Laden?

Não necessariamente. Acho apenas que essa pode ser a explicação conveniente, de momento. O fato é que, passado um ano dos episódios, ainda não se pode afirmar quem foram os agentes intelectuais dos atentados. A própria imprensa norte-americana tem registrado que a conspiração teria sido montada na Alemanha, mas os serviços de informação desse país não confirmam que bin Laden e o governo Taleban seriam os responsáveis. Também as intenções dos agentes dos atentados não estão claras. O governo norte-americano elegeu, de forma maniqueísta e radical, o governo Taleban, Osama bin Laden e o Afeganistão como os culpados dos atentados. Na realidade, no entanto, essa escolha pode ser apenas conveniente, pois sabemos que se instalar na Ásia Central é uma antiga ambição das geopolíticas norte-americana e inglesa. O Afeganistão é uma região privilegiada e estratégica para isso, por causa de sua proximidade com a Índia, o Paquistão, a China, a Rússia e outros países. Sabe-se também que na área há oleodutos, petróleo e outros recursos minerais nada desprezíveis. Também há o fato de que, para a geopolítica norte-americana, ‘estar em guerra’ e ‘ter um inimigo’, sobretudo em momentos de crise, é muito conveniente. Sempre houve um inimigo na história norte-americana: primeiro foram os índios, depois o ‘perigo amarelo’, o nazismo e o comunismo. Agora a guerra é contra o terrorismo e o fundamentalismo islâmico. A ideologia norte-americana também supõe que há sempre uma fronteira ilimitada a expandir: para a América, para o Oeste, para o Pacífico e, agora, a fronteira é transnacional, planetária...

Há mais de 50 anos, desde o fim da Segunda Guerra, os governos norte-americanos se dedicam a desestabilizar, bloquear, mutilar e destruir os experimentos sociais alternativos ensaiados no mundo

Na última reunião anual da SBPC, em julho, o senhor classificou os episódios de 11 de setembro como atos revolucionários. Por que?

Há várias perspectivas de análise dos episódios; considerá-los um ato revolucionário é apenas uma delas. O mais correto seria analisarmos o **11** de setembro em suas três faces e conjuntamente: como ato terrorista, político e revolucionário. Trata-se de uma ação revolucionária porque, pela primeira vez na história da supremacia norte-americana, ficou demonstrado que a maior potência mundial é vulnerável. Seu poder econômico-industrial-militar foi posto em xeque. A opinião pública, a não ser aqueles solidários e associados com as elites e as classes dominantes dos Estados Unidos, está hoje consciente de que o gigante é frágil e pode desabar. Se a supremacia norte-americana já estava cambaleante por conta da crise econômica que atravessa — em razão da desvalorização do dólar frente a outras moedas, da queda das bolsas, das denúncias de fraudes econômicas etc. —, a partir de 11 de setembro, deu sinais claros de que começa a ruir também do ponto de vista político. Os Estados Unidos atingiram o máximo de seu poder e abrangência, de ambição e totalitarismo, colocando-se em todas as partes do mundo e em todos os setores da vida econômica, financeira, política e cultural. Desde o fim da Segunda Guerra — há mais de 50 anos —, os Estados Unidos vêm expandindo suas fronteiras, consideradas ilimitadas, guerreando seus inimigos e cumprindo a missão civilizatória que atribuem a si. Isso tem gerado mal-estar em várias populações mundiais e pode explicar o caráter revolucionário dos atentados de 11 de setembro.

Quando vistos isoladamente, os atentados perdem vários significados e parecem coisa de ‘um bando de fanáticos’. Mas, na realidade, foram

apenas um fato em uma cadeia muito complexa de acontecimentos.

Mas, do ponto de vista cultural, os norte-americanos são admirados...

De fato, a cultura é assimilada, porque é divulgada de modo hábil e, às vezes, truculento por todo o mundo. Há um fetiche em relação à cultura norte-americana, e as próprias elites locais trabalham para que isso aconteça. No entanto, o mal-estar de certas populações — das árabes, sobretudo — está se agravando. Os próprios norte-americanos estão buscando explicações para esse ‘ódio’ de diferentes povos contra os Estados Unidos. Não se trata de ódio à cultura ou ao povo norte-americano. O que presenciamos hoje é uma reação política contra a supremacia das elites e classes dominantes, que têm atuado em escala mundial de maneira destrutiva.

Não é uma contradição que o povo norte-americano assimile de modo tão simplista a idéia de que se trata de uma guerra santa, entre os bons e os maus?

A ideologia da supremacia está profundamente enraizada na história norte-americana. Há versões dela em [Thomas] Wilson, [Franklin] Roosevelt, [Benjamin] Franklin, [John] Kennedy, de maneira que grande parte do povo está convencido de que é mesmo excepcional e de que tem como destino cumprir uma missão civilizatória frente a seus inimigos. Acreditam que essa missão divina se dá através da expansão ilimitada de suas fronteiras e, se necessário, com o uso da força. Esses cinco elementos da ideologia norte-americana — as idéias de excepcionalidade; destino divino; inimigo presente; missão civilizatória e fronteira ilimitada — vêm sendo criados e recriados ao longo de sua história. Agora, com George Bush, essa idéias e, portanto, a noção de supremacia, estão assumindo um caráter ainda mais truculento, pois, apesar de ele não ter categoria de estadista, tem uma assessoria de direita extremamente intolerante, que alimenta seu discurso. Por isso digo que os Estados Unidos estão acometidos de um fundamentalismo calvinista enlouquecido, convencidos de que estão travando uma guerra santa contra o mal. A elite dominante continuamente elege e cria inimigos — índios, amarelos, nazistas, terroristas, comunistas, narcotraficantes, fundamentalistas islâmicos — e, para combatê-los, mobiliza e inventa meios, fabricando uma guerra. Nunca — e isso é grave — a elite norte-americana faz uma proposta honesta e possível para contribuir para o desenvolvimento social de populações em outros países e continentes. Ao contrário, todas as iniciativas e alternativas de solução de problemas sociais em outros países são solapadas e destruídas pela intervenção geopolítica dos Estados Unidos.

O senhor pode exemplificar?

Há mais de 50 anos, desde o fim da Segunda Guerra, os governos norte-americanos se dedicam a desestabilizar, bloquear, mutilar e destruir os experimentos sociais alternativos ensaiados no mundo. Posso começar com o golpe de estado no Irã, ainda na década de 1950, quando o primeiro-ministro Muhammad Mussadiq realizou a nacionalização das empresas petrolíferas e contrariou interesses norte-americanos. Ou, também na década de 1950, quando Patrice Lumumba, recém-eleito presidente do Congo, ex-colônia que se libertava do domínio belga, foi assassinado por ordem do serviço secreto norte-americano. Em 1954, houve o golpe na Guatemala, com a deposição de Jacobo Arbenz; em 1956 foi a vez de [Gamal] Nasser no Egito e, em 1965, a de [Achmed] Sukarno, na Indonésia; em 1973, houve o golpe contra Salvador Allende, no Chile. Esses são só alguns exemplos, mas a lista é assustadora: se somarmos essas e outras operações da geopolítica norte-americana, chegamos à conclusão de que, em pleno século 21, somos todos órfãos de experiências sociais fascinantes, algumas problemáticas, é óbvio, mas outras inegavelmente inovadoras. É isso que precisamos perceber, assim como o povo norte-americano, para compreender ações como as do 11 de setembro: os Estados Unidos têm sido excessivamente destrutivos em sua ação mundial. Se concretizadas, essas alternativas teriam tornado a humanidade mais bonita, mais plural, mais enriquecida de experiências econômicas, políticas, sociais e culturais. No Brasil, por exemplo, sabe-se que a deposição do governo de João Goulart, em 1964, foi organizada pelos serviços secretos norte-americano e brasileiro. É inegável que estava se desenhando, com o projeto nacionalista dos tempos de Vargas, Juscelino e João Goulart, um Brasil muito diferente do de hoje. Interrompeu-se com o golpe um processo de criação social, política e cultural extremamente promissor, que já estava produzindo notáveis frutos. O Cinema Novo, o teatro brasileiro, as ciências sociais, a física, a química e muitos outros setores floresceram no Brasil naquele período, graças ao clima excepcional daquelas décadas.

Ao se referir a experiências sociais, está falando de alternativas ao capitalismo?

Não. Não estou falando de comunismo, socialismo, anarquismo, americanismo ou capitalismo. Não se trata de defender essa ou aquela ideologia. Refiro-me apenas às experiências sociais alternativas, independentemente do contexto ideológico, que estavam sendo gestadas em várias partes do mundo e que foram aniquiladas, desestabilizando nações e gerando a morte de inocentes. Em 1954, na Guatemala, o governo do presidente eleito Jacobo Arbenz estava adotando medidas de reforma social, redefinindo a estrutura agrária e modificando a forma de participação do governo e do povo na exportação. Para atender interesses da United Fruit Company, empresa norte-americana da área de fruticultura com grandes interesses na América Central, o serviço secreto norte-americano decretou a deposição do presidente e seu exílio. Tudo leva a crer que também o seu assassinato, anos mais tarde no exílio, foi planejado. Em razão disso, entre

1954 e 1990, a Guatemala sofreu uma sucessão de golpes, ações paramilitares, seqüestros e movimentos guerrilheiros, nos quais se estima que 200 mil pessoas morreram e cerca de 1 milhão deixaram o país. Hoje, a Guatemala é um país empobrecido e transtornado, apesar da pacificação ter se realizado em 1990. Na Indonésia, da mesma forma, estima-se que o golpe contra o governo Sukárno, em 1965, resultou na morte de 300 mil civis. É importante lembrar que, entre os militares da ditadura brasileira (de 1964 a 1985), havia a intenção de fazer o que eles mesmos denominaram de ‘Operação Jacarta’ — em uma referência clara ao que ocorreu na capital da Indonésia. Ou seja, aqui também, cogitou-se fazer uma ‘limpeza’ na população. A pretexto de lutar contra outras formas de organização da sociedade, estigmatizadas como sendo comunistas,, os Estados Unidos fizeram uma matança impiedosa durante todas essas décadas. Matança que, aliás, continua na Venezuela: é evidente que o governo venezuelano está ameaçado pela aliança de certos setores das oligarquias do país com os interesses norte-americanos na região.

Mudam os cenários e não a forma de atuação...

Exatamente. Por isso, quando analisamos os acontecimentos de 11 de setembro, precisamos resgatar o sentido de história. Quando vistos isoladamente, os atentados perdem vários significados e parecem coisa de ‘um bando de fanáticos’ ou um ‘raio caído em um dia de céu azul’. Mas, na realidade, os atentados foram apenas um fato em uma cadeia muito complexa de acontecimentos. O caráter revolucionário dos atentados fica evidente quando voltamos à história e constatamos a brutalidade a que muitos povos foram submetidos. Daí eu dizer que esses atos terroristas são também revolucionários, gerados pelo mal-estar causado pelo sacrifício e pelas mortes que a atuação política norte-americana vem gerando mundo afora.

Há uma enorme crise de credibilidade nas instituições norte americanas. As grandes corporações estão sendo postas em xeque pelas suas manipulações financeiras e contábeis, pela corrupção e pelo declínio da ética corporativa.

A forma fragmentada como a imprensa apresenta os fatos dificulta a análise dos acontecimentos, não?

A imprensa, em geral, enfatiza e exacerba o presente de forma não apenas fragmentária, mas também impressionística e seletiva. As novas gerações sabem que o Oriente Médio é problemático porque diariamente são bombardeadas com notícias sobre o tema, mas não estão sendo informadas sobre as raízes, os antecedentes dessa loucura toda. Ninguém fala na TV que os palestinos foram brutalmente escorraçados das suas terras no passado. Esse é um fenômeno gravíssimo: a mídia em geral, por vários mecanismos, nem sempre intencionais, hipertrofia o presente e promove o total esquecimento do passado. Isso precisa mudar. Também os professores, nas diferentes áreas do ensino, precisam estar alertas — muitos já estão — para o fato de que têm uma posição privilegiada, porque são peças fundamentais para que os jovens adquiram um sentido mais pleno do que é a história. Eles devem ajudar os jovens a ver como a história — os antecedentes de certas realidades— é indispensável para o desenvolvimento de nossa inteligência, capacidade de reflexão e crítica.

É inegável que o novo mapa que resultou da quebra do bloco soviético e do domínio absoluto dos Estados Unidos está posto contra a parede: poderá durar anos ou décadas, mas não para sempre, até porque nada se cristaliza permanentemente

Por que chama a geopolítica norte-americana de fundamentalismo calvinista enlouquecido?

Por considerarem que têm a missão de civilizar o resto do mundo, sobretudo o Oriente, que é pouco compreendido, os Estados Unidos se colocam frente ao mundo como o ‘eixo do bem’. Em alguns momentos, sobretudo aqueles convenientes, algumas nações européias são admitidas no eixo do bem. Também dependendo do interesse e, por breves momentos, algumas nações da América Latina, ainda que suspeitas, podem ser consideradas como se fossem do bem. Essa idéia maniqueísta, de oposição entre o bem e o mal, acompanha os Estados Unidos desde a sua fundação, assim como os ideais expansionistas, e faz parte das convicções calvinistas norte-americanas. Daí eu fazer uma leitura, que não se pretende teológica, mas política, de que na atuação norte-americana está presente um fundamentalismo calvinista enlouquecido e desastroso em escala mundial. Fundamentalismo porque os Estados Unidos chegam ao cúmulo de se considerar o ‘coração do Ocidente’. Eles consideram que o Ocidente europeu já está em segundo plano e que pode

apenas assessorar os Estados Unidos de modo subalterno. No pensamento norte-americano, quem tem a guarda do que é considerado ocidentalismo são as elites e as classes dominantes dos Estados Unidos. É uma enorme pretensão. Trata-se de um fundamentalismo calvinista, porque considera que o mundo está sempre dividido entre o bem e o mal e que, portanto, há nações transviadas e outras alinhadas, que há formas de governo toleráveis e outras execráveis. Por fim, a ideologia norte-americana está enlouquecida, porque essa visão religiosa, maniqueísta e intolerante do mundo e da vida se tornou altamente destrutiva em suas ações geopolíticas.

Além dos atentados terroristas, que outros fatores anunciam «o início do declínio da supremacia norte-americana»?

As medidas adotadas para a continuidade e generalização da guerra ao terrorismo são um sinal: elas demonstram que a supremacia norte-americana atingiu seus limites e está em estado apoteótico, sem nenhum respeito aos povos, às propostas alternativas, menosprezando totalmente a Organização das Nações Unidas e os demais órgãos que poderiam contribuir para a solução dos problemas. Apesar de veladas, é possível perceber as manifestações de mal-estar — no mundo árabe, na Ásia, na Europa e mesmo na América Latina — contra o chamado imperialismo e agora, globalismo. Essas manifestações vêm acompanhadas de uma enorme recessão da economia norte-americana e, portanto, mundial. É claro que as elites, nos Estados Unidos, tentam enfrentar seus problemas econômicos dinamizando a economia com a guerra, usando o complexo industrial-militar para superar a recessão. Mas a velha fórmula de gerar riqueza a partir da guerra não está sendo suficiente porque junta-se a esses fatores uma enorme crise de credibilidade nas instituições norte-americanas. As grandes corporações estão sendo postas em xeque pelas suas manipulações financeiras e contábeis, pela corrupção e pelo declínio da ética corporativa. Quando lembramos que, no mundo atual, a corporação transnacional é o principal ator da globalização e, portanto, do capitalismo, somos desafiados a reconhecer que o próprio capitalismo está sendo posto em teste.

O que se pode esperar diante desse cenário?

Não há por que se assustar. É preciso lembrar que, em outras etapas da história, outras supremacias holandesa, inglesa, alemã, francesa e soviética, só para citar algumas — também foram postas em xeque. A história nos ensina que o desenvolvimento das relações econômicas, políticas, culturais, geopolíticas traz consigo várias tendências e possibilidades e que, portanto, a sucessão das potências mundiais é um fenômeno do mundo moderno. Não há por que acreditar que uma certa 'supremacia é absoluta e que se manterá para sempre. Ao contrário, a extrema realização dessa supremacia, o seu próprio êxito, é fonte de sua ruptura; nenhuma nação ou império conseguiu dominar ou administrar o mundo de forma criativa, com distribuição da riqueza. A extrema concentração do poder econômico e político leva à gestação de tensões, reivindicações e protestos, de ações políticas, ataques e práticas revolucionárias. Entramos no século 21 com um cenário, à primeira vista, tenebroso, em clima de guerra, e guerra enlouquecida, porque assimétrica, declarada por um estado nacional contra um inimigo que não se sabe onde está. Ao mesmo tempo, esse quadro sinistro está pondo em causa a supremacia em vigor e abrindo possibilidades de que o cenário mundial, o mapa do mundo, venha a ganhar novos contornos. Não dá para adivinhar o que resultará, mas é inegável que o novo mapa que resultou da quebra do bloco soviético e do domínio absoluto dos Estados Unidos está posto contra a parede: poderá durar anos ou décadas, mas não para sempre, até porque nada se cristaliza permanentemente.

A dois meses da eleição presidencial, o que se pode esperar para o Brasil?

O Brasil só foi soberano entre os anos 1930 e 1964, quando foi capaz, mesmo negociando e fazendo algumas concessões, de definir objetivos próprios, convenientes para a nação, desenvolvendo um projeto de capitalismo nacional. Pode não ter sido o projeto dos meus sonhos e de muitos outros brasileiros, mas foi um projeto vigoroso que se desenvolveu amplamente e se consolidou. Com a ditadura militar, orquestrada pela geopolítica norte-americana, esse projeto ruiu: os militares, nos seus 21 anos de governo, degolaram todas as lideranças e organizações políticas comprometidas com o projeto nacional. Não só elementos e organizações de esquerda foram aniquilados. Desde o golpe militar, está se promovendo sobretudo o desmonte das bases econômicas do projeto nacional. O atual governo tem o mérito de estar completando essa tarefa: com a desculpa de fazer a reforma do Estado, de reduzir sua ação, de fomentar a abertura de mercados, de reinserir a economia brasileira na economia mundial, está desmontando totalmente o que restava do projeto nacional brasileiro, inclusive o estado de bem-estar social que estava sendo desenvolvido nessas décadas. A conclusão é triste: o Brasil é hoje, assim como muitas outras nações, uma província do globalismo. O governo transformou-se em um órgão administrativo que segue as diretrizes do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, da Organização Mundial do Comércio e das grandes corporações — está a serviço do neoliberalismo. O Brasil nasceu como província do colonialismo e, agora, é província do globalismo. Já se abriu o mercado, as finanças, as tecnologias, os meios de comunicação e os sistemas de ensino, saúde e previdência... Quem vai presidir o país, vai administrar uma província, segundo regras e diretrizes estabelecidas por essas organizações e corporações, porque os comprometimentos são muito acentuados, devido aos acordos feitos e às dívidas contraídas. Não é por acaso que representantes do FMI estiveram recentemente no país para pressionar candidatos à presidência — apenas candidatos! — a assinarem 'cartas de intenção', assegurando que seguirão as diretrizes colocadas por esse organismo internacional.

Essa análise parece pessimista, tira qualquer perspectiva de mudança...

Ampla e radicalmente. Mas não se trata de pessimismo, e sim de ser realista: o que nos resta é a necessidade de recriar a nação. Dependemos de que a sociedade civil se mobilize para reverter esse quadro. Vejo sinais de que isso começa a ocorrer em processos eleitorais, em manifestações e reivindicações por terra, habitação, educação... A sociedade está se reanimando, inclusive em âmbito internacional, através de fóruns e outras instâncias, e essa inquietação poderá fermentar uma nova proposta. É importante que essa 'nova nação' surta no cenário que já existe, internacionalizado, em aliança com setores sociais de outras nações. É preciso criar alianças crescentes entre os setores sociais brasileiros, uruguaios, argentinos, paraguaios e outros para fortalecer as inquietações populares e gerar demandas de caráter local, regional, nacional e internacional. Acho que o poder norte-americano está fraquejando e que o momento é propício para mudanças. O 'coração da ocidentalidade' está sendo posto em xeque não só pelos atos terroristas contra seus símbolos econômico e militar, mas pela imoralidade, pelo superlucro, pela manipulação dos dados de suas próprias corporações. A crise mundial coloca em xeque a maneira como o poder é exercido e revela que o mundo precisa ser administrado de forma mais íntegra e igualitária, sem que as desigualdades sejam alimentadas como o são atualmente.

Brasil é hoje uma província do globalismo. O governo transformou-se em um órgão administrativo que segue as diretrizes do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, da Organização Mundial do Comércio e das grandes corporações

Conheça os mais de 30 benefícios do suco de uva

A tradição atribuiu ao suco de uva as mais elogiosas expressões como : sangue vegetal, leite vegetal e seiva viva.

O suco de uva contém mais calorias que o leite, uma certa analogia que pode ser levada mais longe; a composição do suco de uva mostra surpreendentes semelhanças com a do leite materno. É, pois, um alimento privilegiado para os períodos de "reconstrução" da fadiga, da anemia, da convalescença.

O açúcar do suco de uva é composto por glicose e frutose, é diretamente assimilável, não exige nenhum esforço aos órgãos digestivos, é por tal razão aconselhável para a alimentação dos doentes atacados por febre.

Do ponto de vista terapêutico trata-se de um dos mais preciosos sucos. O suco de uva é estimulante das funções hepáticas, constituindo mesmo a base de remédios farmacêuticos para o fígado (esta função é desempenhada não apenas pelo suco, como também, pela uva e folhas de parreira).

Por ser alcalinizante (combate a acidez sangüínea), é indicado a pessoas intoxicadas pelo excesso do consumo de carne.

O suco de uva é um valioso estimulante digestivo, pois acelera o metabolismo, eliminando de seu organismo o ácido úrico, causador da fadiga. Além disso, ele ajuda a restabelecer o equilíbrio ácido-alcalino do organismo, necessário para um fornecimento constante e prolongado de energia.

Sucos naturais são formas saborosas de superenergizar seu corpo com energia rápida. Os sucos naturais contêm nutrientes específicos não encontrados em alimentos cozidos e ajudam a proporcionar uma energia fantástica.

Valor Nutricional em 100 ml de Suco de Uva

Caloria 61 kcal	Fósforo 14.60 mg
Carboidratos 14.96 g	Potássio 170.00mg
Proteínas 0.56 g	Cálcio 7.30 mg
Lipídeos 0.08 g	Magnésio 7.10 mg
Vitamina A 8.00 UI	Cobre 0.053 mg
Tiamina 0.03 mg	Zinco 0.14 mg
Riboflavina 0.04 mg	Ferro 1.30 mg
Niacina 0.26 mg	Manganês 0.33 mg
Ácido Pantotênico 0.04 mg	Sódio 0.53 mg
Vitamina B6 0.07 mg	Enxofre 3.50 mg
Ácido Fólico 2.60 mg	Boro 1.40 mg
Vitamina C 0.10 mg	Cromo 0.013 mcg
Arginina 47.00 mg	
Alanina 86.00 mg	
Ácido glutâmico 110.00 mg	
Fonte: Escola Paulista de Medicina	Fonte: FAURGS (Faculdade de Agronomia da Universidade do Rio Grande do Sul) Pesquisa elaborada por: Dra. Neiva Carniel Furlanetto Nutricionista CRN 2053

Vinho e suco de uva podem prevenir doenças do coração

O que você diria, se fosse a um cardiologista e ele receitasse doses controladas de vinho tinto ou suco de uva, para o seu tratamento? Calma, não se assuste! O professor Protásio Lemos da Luz coordenador de uma pesquisa que está sendo realizada pelo serviço de cardiologia do Instituto do Coração da Faculdade de Medicina (Incor), em que os estudos com animais vêm revelando que o consumo moderado de vinho tinto ou suco de uva pode reduzir consideravelmente as placas de arterosclerose, que resultam no infarte ou angina.

O interesse dos pesquisadores partiu de um fenômeno verificado em grande parte da população francesa. Apesar da dieta rica em produtos gordurosos e de apresentarem altas taxas de colesterol, as pessoas examinadas não apresentavam infartes ou anginas. Este foi o ponto para desvendar o mistério. Quando foram comparadas as dietas de vários países europeus encontrou-se uma relação direta entre a quantidade de gordura e a incidência de doença coronária. "França, Noruega, Alemanha, Inglaterra e Dinamarca estão entre os países em que a doença é mais baixa. Acredita-se que isto se deva ao consumo do vinho", explicou Lemos.

Por se tratar de um avanço importante para a medicina cardiovascular, o professor Lemos vem aperfeiçoando a pesquisa e resolveu testar o suco de uva, já que o vinho contém álcool, e quando consumido em grandes quantidades apresenta efeitos colaterais. Os dois tratamentos, vinho e suco de uva, levaram a uma diminuição na formação da placa, mesmo com o colesterol alterado. Com a redução do colesterol há uma diminuição na incidência de infarte, e da necessidade de cirurgias e angioplastias.

Segundo Lemos, "o mais curioso é que nessa experiência constatamos não ser preciso ter colesterol para ocorrer a formação de placas de arterosclerose".

Com ou sem prescrição médica um bom vinho é sempre bem-vindo, principalmente sabendo que, quando consumido com moderação, faz bem à saúde. Que tal um brinde?

Pronunciamento do Lula

no dia seguinte ao da eleição

"Ontem, o Brasil votou para mudar. A esperança venceu o medo e o eleitorado decidiu por um novo caminho para o país. Foi um belo espetáculo democrático que demos ao mundo. Um dos maiores povos do planeta resolveu, de modo pacífico e tranqüilo, traçar um rumo diferente para si.

As eleições que acabamos de realizar foram, acima de tudo, uma vitória da sociedade brasileira e de suas instituições democráticas, uma vez que elas trouxeram a alternância no poder, sem a qual a democracia perde a sua essência.

Tivemos um processo eleitoral de excelente qualidade, no qual os cidadãos e as cidadãs exigiram e obtiveram um debate limpo, franco e qualificado sobre os desafios imediatos e históricos do nosso país. Contribuíram para isso a atitude da justiça eleitoral e do presidente da República, que cumpriram de maneira equilibrada o seu papel constitucional.

A grande virtude da democracia é que ela permite ao povo mudar de horizonte quando ele acha necessário. A nossa vitória significa a escolha de um projeto alternativo e o início de um novo ciclo histórico para o Brasil.

A nossa vitória significa a escolha de um projeto alternativo e o início de um novo ciclo histórico para o Brasil.

A nossa chegada à Presidência da República é fruto de um vasto esforço coletivo, realizado, ao longo de décadas, por inúmeros democratas e lutadores sociais. Muitos dos quais, infelizmente, não puderam ver a sociedade brasileira, e em especial as camadas oprimidas, colherem os frutos de seu árduo trabalho, de sua dedicação e sacrifício militante.

Estejam onde estiverem, os companheiros e as companheiras que a morte colheu antes desta hora, saibam que somos herdeiros e portadores do seu legado de dignidade humana, de integridade pessoal, de amor pelo Brasil, e de paixão pela justiça. Saibam que a obra de vocês segue conosco, como se vivos estivessem, e é fonte de inspiração para nós que seguimos travando o bom combate. O combate em favor dos excluídos e dos discriminados. O combate em favor dos desamparados, dos humilhados e dos ofendidos.

Quero homenagear aqui os militantes anônimos. Aqueles que deram seu trabalho e dedicação, ao longo de todos esses anos, para que chegássemos aonde chegamos. Nas mais longínquas regiões do país, eles jamais esmoreceram. Aprenderam, como eu, com as derrotas. Tornaram-se mais competentes e eficazes na defesa de um país soberano e justo.

Quero homenagear aqui os militantes anônimos. Aqueles que deram seu trabalho e dedicação, ao longo de todos esses anos, para que chegássemos aonde chegamos.

Celebro hoje aqueles que, nos momentos difíceis do passado, quando a nossa causa de um país justo e solidário parecia inviável, não caíram na tentação da indiferença, não cederam ao egoísmo e ao individualismo exacerbado. Todos aqueles que conservaram intacta a sua capacidade de indignar-se perante o sofrimento alheio. Souberam resistir, mantendo acesa a chama da solidariedade social. Todos aqueles que não desertaram do nosso sonho, que às vezes sozinhos nas praças deste imenso Brasil ergueram bem alto a bandeira estrelada da esperança.

Mas esta vitória é, sobretudo, de milhares, quem sabe milhões, de pessoas sem filiação partidária

que se engajaram nessa causa. É uma conquista das classes populares, das classes médias, de parcelas importantes do empresariado, dos movimentos sociais e das entidades sindicais que compreenderam a necessidade de combater a pobreza e defender o interesse nacional.

Para alcançar o resultado de ontem, foi fundamental que o PT, um partido de esquerda, tenha sabido construir uma ampla aliança com outras forças partidárias. O PL, o PC do B, o PMN e o PCB deram uma contribuição inestimável desde o primeiro turno. A eles, vieram somar-se, no segundo turno, o PSB, o PPS, o PDT, o PV, o PTB, o PHS, o PSDC e o PGT.

Além disso, ao longo da campanha, contamos com o apoio de setores importantes de outros partidos identificados com o nosso programa de mudanças para o Brasil. Em especial, quero destacar o apoio dos ex-presidentes José Sarney e Itamar Franco e, no segundo turno, o precioso apoio que recebi de Anthony Garotinho e Ciro Gomes.

Não há dúvida de que a maioria da sociedade votou pela adoção de outro ideal de país, em que todos tenham os seus direitos básicos assegurados. A maioria da sociedade brasileira votou pela adoção de outro modelo econômico e social, capaz de assegurar a retomada do crescimento, do desenvolvimento econômico com geração de emprego e distribuição de renda.

O povo brasileiro sabe, entretanto, que aquilo que se desfez ou se deixou de fazer na última década não pode ser resolvido num passe de mágica. Assim como carências históricas da população trabalhadora não podem ser superadas da noite para o dia. Não há solução milagrosa para tamanha dívida social, agravada no último período.

**...carências históricas da população trabalhadora
não podem ser superadas da noite para o dia. Não
há solução milagrosa para tamanha dívida
social...**

Mas é possível e necessário começar, desde o primeiro dia de governo. Vamos enfrentar a atual vulnerabilidade externa da economia brasileira – fator crucial na turbulência financeira dos últimos meses – de forma segura. Como dissemos na campanha, nosso governo vai honrar os contratos estabelecidos pelo governo, não vai descuidar do controle da inflação e manterá – como sempre ocorreu nos governos do PT – uma postura de responsabilidade fiscal.

Essa é a razão para dizer com clareza a todos os brasileiros: a dura travessia que o Brasil estará enfrentando exigirá austeridade no uso do dinheiro público e combate implacável à corrupção. Mas mesmo com as restrições orçamentárias, impostas pela difícil situação financeira que vamos herdar, estamos convencidos que, desde o primeiro dia da nova gestão, é possível agir com criatividade e determinação na área social.

Vamos aplacar a fome, gerar empregos, atacar o crime, combater a corrupção e criar melhores condições de estudo para a população de baixa renda desde o momento inicial de meu governo. Meu primeiro ano de mandato terá o selo do combate à fome. Um apelo à solidariedade para com os brasileiros que não têm o que comer.

Para tanto, anuncio a criação de uma Secretaria de Emergência Social, com verbas e poderes para iniciar, já em janeiro, o combate ao flagelo da fome. Estou seguro de que esse é, hoje, o clamor mais forte do conjunto da sociedade. Se ao final do meu mandato, cada brasileiro puder se alimentar três vezes ao dia, terei realizado a missão de minha vida.

Como disse ao lançar meu Programa de Governo, gerar empregos será minha obsessão. Para tanto,

vamos mobilizar imediatamente os recursos públicos disponíveis nos bancos oficiais – e nas parcerias com a iniciativa privada – para a ativação do setor da construção civil e das obras de saneamento. Além de gerar empregos, tal medida ajudará à retomada gradual do crescimento sustentado.

O país tem acompanhado com preocupação a crise financeira internacional e suas implicações na situação brasileira. Em especial, a instabilidade na taxa de câmbio e a pressão inflacionária dela decorrente. Porém, com toda a adversidade internacional, estamos com superávit comercial de mais de 10 bilhões de dólares neste ano. Resultado que pode ser ampliado já em 2003 com uma política ofensiva de exportações, incorporando mais valor agregado aos nossos produtos, aprofundando a competitividade da nossa economia, bem como promovendo uma criteriosa política de substituição competitiva de importações.

O Brasil fará a sua parte para superar a crise, mas é essencial que além do apoio de organismos multilaterais, como o FMI, o BID e o BIRD, se restabeleçam as linhas de financiamento para as empresas e para o comércio internacional.

Igualmente relevante é avançar nas negociações comerciais internacionais, nas quais os países ricos efetivamente retirem as barreiras protecionistas e os subsídios que penalizam as nossas exportações, principalmente na agricultura. Nos últimos três anos, com o fim da âncora cambial, aumentamos em mais de 20 milhões de toneladas a nossa safra agrícola. Temos imenso potencial nesse setor para desencadear um amplo programa de combate à fome e exportarmos alimentos que continuam encontrando no protecionismo injusto das grandes potências econômicas um obstáculo que não pouparemos esforços para remover.

O trabalho é o caminho de nosso desenvolvimento, da superação dessa herança histórica de desigualdade e exclusão social. Queremos constituir um amplo mercado de consumo de massas que dê segurança aos investimentos das empresas, atraia investimentos produtivos internacionais e represente um novo modelo de desenvolvimento e compatibilize distribuição de renda e crescimento econômico.

**...valorizando a agricultura familiar, o
cooperativismo, as micro e pequenas empresas
e as diversas formas de economia solidária.**

A construção dessa nova perspectiva de crescimento sustentado e de geração de emprego exigirá a ampliação e o barateamento do crédito, o fomento ao mercado de capitais e um cuidadoso investimento em ciência e tecnologia. Exigirá também uma inversão de prioridades no financiamento e no gasto público, valorizando a agricultura familiar, o cooperativismo, as micro e pequenas empresas e as diversas formas de economia solidária.

O Congresso Nacional tem uma imensa responsabilidade na construção dessas mudanças que irão promover a inclusão social e o crescimento sustentado. Por isso, estarei pessoalmente empenhado em encaminhar para o Congresso as grandes reformas que a sociedade reclama: a reforma da previdência social, a reforma tributária, a reforma da legislação trabalhista e da estrutura sindical, a reforma agrária e a reforma política.

O mundo está atento a esta demonstração espetacular de democracia e participação popular ocorrida na eleição de ontem. É uma boa hora para reafirmar um compromisso de defesa corajosa de nossa soberania regional. E o faremos buscando construir uma cultura de paz entre as nações, aprofundando a integração econômica e comercial entre os países, resgatando e ampliando o

Mercosul como instrumento de integração nacional e implementando uma negociação soberana frente à proposta da Alca.

Vamos fomentar os acordos comerciais bilaterais e lutar para que uma nova ordem econômica internacional diminua as injustiças, a distância crescente entre países ricos e pobres, bem como a instabilidade financeira internacional que tantos prejuízos tem imposto aos países em desenvolvimento.

Nosso governo será um guardião da Amazônia e da sua biodiversidade. Nosso programa de desenvolvimento, em especial para essa região, será marcada pela responsabilidade ambiental. Queremos impulsionar todas as formas de integração da América Latina que fortaleçam a nossa identidade histórica, social e cultural.

Particularmente relevante é buscar parcerias que permitam um combate implacável ao narcotráfico que alicia uma parte da juventude e alimenta o crime organizado.

Nosso governo respeitará e procurará fortalecer os organismos internacionais, em particular a ONU e os acordos internacionais relevantes, como o protocolo de Kioto, e o Tribunal Penal Internacional, bem como os acordos de não proliferação de armas nucleares e químicas.

Estimularemos a idéia de uma globalização solidária e humanista, na qual os povos dos países pobres possam reverter essa estrutura internacional injusta e excludente.

Não vou decepcionar o povo brasileiro. A manifestação que brotou ontem do fundo da alma dos meus compatriotas será a minha a inspiração e a minha bússola. Serei, a partir de 1º de janeiro, o presidente de todos os brasileiros e brasileiras, porque sei que é isso que esperam os eleitores que me confiaram o seu voto.

Vivemos um momento decisivo e único para as mudanças que todos desejamos. Elas virão sem surpresas e sobressaltos. Meu governo terá a marca do entendimento e da negociação. Da firmeza e da paciência.

Temos plena consciência que a grandeza dessa tarefa supera os limites de um partido. Esse foi o sentido do esforço que fizemos desde a campanha para reunir sindicalistas, ONGs e empresários de todos os segmentos numa ação comum pelo país.

**Meu coração bate forte. Sei que estou sintonizado
com a esperança de milhões e milhões de outros
corações. Estou otimista. Sinto que um novo Brasil
está nascendo.**

Continuaremos a ter atuação decidida no sentido de unir as diversas forças políticas e sociais para construir uma nação que beneficie o conjunto do povo. Vamos promover um Pacto Nacional pelo Brasil, formalizar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, e escolher os melhores quadros do Brasil para fazer parte de um governo amplo, que permita iniciar o resgate das dívidas sociais seculares.

Isso não se fará sem a ativa participação de todas as forças vivas do Brasil, trabalhadores e empresários, homens e mulheres de bem. Meu coração bate forte. Sei que estou sintonizado com a esperança de milhões e milhões de outros corações. Estou otimista. Sinto que um novo Brasil está nascendo.

São Paulo, 28 de outubro de 2002

Luiz Inácio Lula da Silva Presidente eleito da República Federativa do Brasil"

Rádio Comunitária não é crime

O monopólio dos Meios de Comunicação deve ser combatido com e por todas as forças que querem, de fato, construir a democracia. Todas as mulheres e os homens sensatos sabem que não dá para falar de democracia sem que se democratize os Meios de Comunicação no Brasil.

A Rádio Comunitária é uma das ferramentas importantes para o rompimento do monopólio da comunicação no Brasil.

Sem muitas delongas queremos aqui divulgar uma obra que já está e deverá contribuir enormemente no processo de luta pelo reconhecimento e desburocratização das Rádios Comunitárias no Brasil.

O autor deste livro, o delegado Armando Coelho Neto, é advogado, jornalista e presidente da Federação Nacional dos delegados de Polícia Federal. Ele, como dizem os editores do livro, *“utiliza a metodologia científica para apresentar argumentos e conclusões inafastáveis. Isso não se faz sem uma grande coragem moral e profundo sentido ético. Trata-se de um trabalho analítico e que ultrapassa obstáculos encontráveis no próprio Departamento de Polícia Federal, sua corporação, assim como nos costumes políticos do poder central, na Justiça Federal e Ministério Público Federal”*.

Esse livro, sem dúvida, é mais uma arma na mão dos defensores da democratização da comunicação no Brasil. O livro “Rádio Comunitária não é crime” é uma publicação da Icone Editora, Fone/fax: 011 36663095.